



Sinval Santos



A cultura na Pedreira



Editora Gato Ed
Churume Literário

Sinval Santos, um poeta, músico, compositor, professor, pai, esposo, amigo, vegano, traz neste livro a história de um movimento artístico, que foi organizado por uma juventude que buscava, na década de 1980, em plena ditadura militar brasileira, quase sendo finalizada, mas buscando, sempre, silenciar a quem dissesse o contrário do que queriam. Uma juventude que criou a Feira de Cultura dos Artistas da Pedreira-FECAP, ousou criar uma associação e cantou, dançou e escreveu a partir de seu desejo de mudança um novo caminho para a história da arte de Belém do Pará, na Amazônia, cobiçada, roubada e localizada no Brasil. Sinval e sua turma de amigas e amigos escreveu com arte a história de uma juventude que ousou e ainda ousa ser artista.

Obrigada por essa história contada de dentro!

Leila Leite



Comitê Científico

Aline Ellen dos Santos Mota

Mestre em Ciências da religião- UEPA

Gleudson Wirllen Bezerra Gomes

Doutor em Antropologia-FUNBOSQUE-UFPA

Andrey Faro de Lima

Doutor em Antropologia-EAUFPA/UFPA

Euzalina da Silva Ferrão

Doutora em Antropologia-IEEP-SEDUC

Leila Leite

Doutora em Antropologia-Editora Gato Ed

Sônia Cristina de Albuquerque Vieira

Doutora em Antropologia-EAUFPA/UFPA

Lucélia Leite Ferreira

Mestra em Antropologia-SEDUC/SEMEC/Ed. Gato Ed

Carla Figueiredo Marinho

Doutora em Antropologia-GPEM-UFPA

Michel Guilherme Gomes Amorim

Mestre em Teatro-UFPA

Raida Renata Reis Trindade

Doutora em Antropologia-DPE-PA

Lilian Sales

Doutora em Antropologia-UFPA

Comitê Editorial

André Leite Ferreira

Geógrafo-Editora Gato Ed

Leila Leite

Doutora em Antropologia-Editora Gato Ed

Lucélia Leite Ferreira

Mestra em Antropologia-SEDUC/SEMEC/Ed. Gato Ed

Erika Daniella Rodrigues Lima

Professora/SEMEC

Gê Dias

Jornalista-Editora Gato Ed

Técnica Gestão Cultural/SECULT

Euzalina da Silva Ferrão

Doutora em Antropologia-IEEP-SEDUC

Sinval Santos

FECAP
A cultura na Pedreira

Editora Gato Ed
2024

capa: Leila Leite
Diagramação: Leila Leite
Foto de capa: Arquivo Pessoal do Autor
Texto: Sinval Santos
Revisão: Leila Leite
Edição: Leila Leite

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Lumos Assessoria Editorial

I65 Santos, Sinval.
FECAP : a cultura na Pedreira [recurso eletrônico] /
Sinval Santos. — Belém : Gato Ed, 2024.
Dados eletrônicos (pdf).

Inclui bibliografia.
ISBN 978-65-6036-330-4

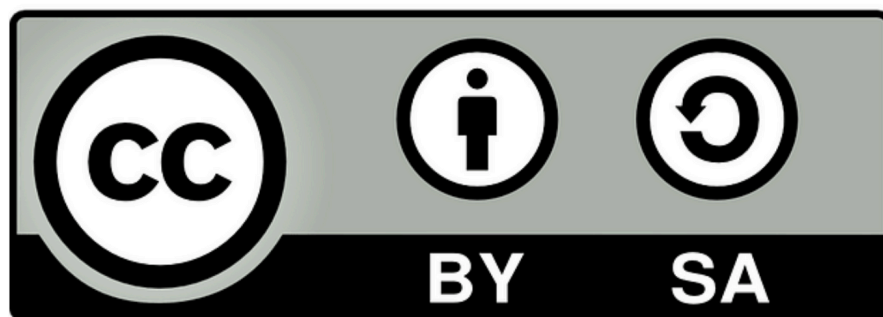
1. Feira de Cultura dos Artistas da Pedreira (FECAP) -
História. 2. Cultura popular - Belém (PA). 3. Arte popular
brasileira - Exposições. I. Título.

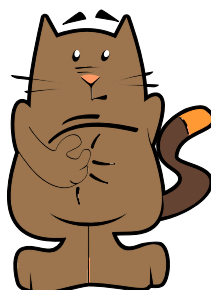
CDD23: 709.04

Bibliotecária: Priscila Pena Machado - CRB-7/6971

Este livro é disponibilizado de forma gratuita em seu formato e-book no site da Editora Gato Ed.

E-BOOK GRATUITO





APOIO

**Apoie o trabalho da Editora e do
Instituto Gato Ed
Faça uma doação de qualquer valor
Pix: editoragatoed@gmail.com**

A VOZ

Minha vó Vivi e a vovó Ana
Eram a voz da mãe terra latente,
Afroindígena e branca sumana
Mestiçando flor, fruto e semente

Contra o mal num canteiro que sana
Toda dor e a gente se sente,
Crente ou não, com a força caruana,
Das avós há uma voz mais presente

Da mãe da mãe ou da mãe do pai
Que se foram, mas sempre dirão
Onde é que se fica ou se vai
Pra buscar lá no fundo do seu coração

Ou no fundo de um quintal
Cultivado por cada avó
Toda benção e poder ancestral
Das avós que dá voz a esse carimbó.

Sem minhas avós
Já secaram todos vasos,
Arrudeiras, vindicás,
Mururés, Tamba-tajás,

Todos poços, todos passes,
Todas preces e magias,
Todos trevos, benzendeiras,
Todos causos perdem a voz
E as parteiras perdem a cria.

Sem minhas avós
Penso o que será de nós,
Talvez nem mais lembre quem sou.
Pobre da língua do P,
Pobre da língua do povo
Que sepecaloupou!

Sinval Santos
1985

DÁRIO

Uma estrela na Estrela,
Ainda acesa reluzente,
Junto a nós queremos tê-la
Com a dona Neusa em mente,

Junto ao Padre João Maria,
Seu maior mestre cristão
Que lhe ensinou a Teologia
Na luta por Libertação.

Escutando de tua voz
A contribuição imensa
Por mais saúde entre nós
Em saudável envelhescência.

Teus amigos e parentes
Da militância bem vivida
Querem festejar contentes
Na Igreja da Aparecida

Com Mileny, Mona e a Nina
Na torcida que empolga
Em ampla ala feminina
Onde a Helen e a Olga

Usufruindo dessa rima
Entre nós fazendo um hit
A tua volta já se anima
Ao canto do Caio Tobit:

És de rio, não de aquário,
Então volte para o lar,
Pois um peixe como o Dário
Não se pode enquadrar!

A Pedreira é um relicário
De valorosos militantes
Onde o "Dário" e "solidário"
Já rimavam muito antes.

Sinval Santos
01.06.21

Prefácio

“Quem vai ser o primeiro a me responder...”

(Milton Nascimento. Saídas e Bandeiras)

Sinval Corrêa dos Santos Filho, meu querido Ateu Zen, nos apresenta um Livro-Obra-Monumento sobre a Cultura Popular, com foco nos desdobramentos da Feira de Cultura dos Artistas da Pedreira- FECAP, localizada no tempo-espço da segunda metade da década de 80 do Século XX, e sedimentada no Auditório do Salão Paroquial da Igreja de Nossa Senhora Aparecida no Bairro da Pedreira, Belém do Pará.

A FECAP congregava Artistas Populares, cujo corpus era composto por Membros das: Comunidades Eclesiais de Base; Partidos de Esquerda; Simpatizantes tanto da Igreja Católica como dos Grupos de Resistências ao autoritarismo derivados do militarismo (Período de Final da Ditadura Militar), e também das posições ortodoxas vaticanistas da Igreja Católica Apostólica Romana.

A FECAP, plural em suas ideias e modalidades da Arte, colocava no mesmo Palco: Música, Poesia, Dança e Artes Plásticas, como bem documenta para seu leitor os escritos de Sinval.

#DárioAdamorHildefrancisTaynaraDalvaMyrianSinvalCarlosTabocaMarciaSolangeAldoPauloHenryBiraAldecyGetúlioMyleneJoãoMarialchiharaFruto da terraGaiaWalterRaçaTabocaBerredoFrancineSebastiãoTaynáCacáJoãoRilkeLuisUirapurúAlegriaTeixeiraLaurindaNeuzaLucineideBelocaVicenteNonatoMarco S...

Todos e Todas, decalcados fraternalmente em torno da Arte e da Resistência Política, salvo, qualquer divergência Ideológica ou de diferenças de alguns horizontes idealizados.

Vale MUITO, acessar e ler o Livro-Obra-Monumento à Cultura Popular de Sinval Correa dos Santos Filho, que é Compositor (Letrista e Músico) e Artista Plástico; mas que neste estágio nos revela o lado de um Talentoso e Primoroso Escritor de seu tempo contemporâneo; e que com sua escritura, nos convoca a um desalojamento (sair de nossos cômodos) para o resgate e o aprimoramento dos elementos culturais que colocaram em devir a FECAP em um tempo de grandes dificuldades; mas que hoje clama aos personagens que viveram a FEIRAda década de 1980, e que ainda se movimentam no território da História presente do Bairro da Pedreira –

Venham, materializem-se com suas Artes e Esperanças.

Este é um dos convites da Obra de Sinval.

Quem vai ser o primeiro a responder ao Convite do ESCRITOR SINVAL...

Prof. Dr. Carlos Jorge Paixão (ICED/UFGA)

Sumário

A VOZ	9
DÁRIO	11
Prefácio	13
Introdução	17
Um passeio pela cultura pedreirense	19
O nascimento da Feira de Cultura do Bairro da Pedreira e o contexto Histórico	29
Do processo de criação e organização ao processo de legalização	41
Membros atuantes na organização da Feira de Cultura do bairro da Pedreira	47
João Maria Van Dorem	49
Carlos Jorge Paixão	50
Adamor Pereira Marques	52
Hildefrancis Trindade de Souza Delço Taynara	53
Aldecy Antonio de S. Pereira	55
Dalva de Cassia Sampaio dos Santos	57
Dário Axevedo dos Santos	58

Entrevistas	60
Homenagens, participações e programações da Feira de Cultura da Pedreira	82
Causas do não prosseguimento e possibilidades de rearticulação do evento	94
Conclusão	99
Referências	103
Autor	105



Introdução

A FECAP, cuja sigla representa, Feira de Cultura dos Artistas da Pedreira, foi um evento nascido neste bairro, que detinha, entre outras propostas, uma ação de resgate dos valores culturais pedreirenses.

Existe uma constatação generalizada da riqueza cultural e efervescente nesta área, que não deve ficar só no deslumbramento, toda essa efervescência merece um registro, pois como um todo, o bairro está perdendo sua memória, e escrever sobre a FECAP é, antes de tudo, registrar uma parte da história da Pedreira.

Esta feira de cultura, é proveniente dos movimentos de Base¹ como um todo, e como existe uma integração inevitável entre os dois, em vários momentos de nossa abordagem sobre o assunto, foi muito válida a consulta de dois Trabalhos de Conclusão de Curso, ambos orientados pela professora Rosângela Almeida, que têm como tema central o movimento popular pedreirense, assim como nos beneficiamos dos registros neles contidos, assim esperamos que este livro venha complementar o acervo bibliográfico auxiliando a quem se interessar pela cultura do bairro.

Na elaboração deste livro, houve uma abordagem mais centralizada num aspecto cultural específico do bairro, apesar de haver a perspectiva das várias expressões culturais que nele se manifestam, todavia é importante a concentração no aspecto cultural artístico devido a FECAP ter feito desta área seu maior campo de atuação.

[1] Movimento de Base é aquele composto pelos militantes das diversas categorias populares em processo de organização, em busca de ações coletivas e integradas, que proporcionam sustentações às suas lutas.



Quanto a metodologia empregada, trata-se de uma pesquisa de campo baseada, principalmente, em entrevistas informais com os antigos coordenadores do evento, sedimentada também em alguns raros e confusos registros escritos e fotográficos, que após consulta e seleção, foram compilados e transformados em relatório, pois, a maioria dos dados aqui registrados, foram também, vivenciados pelo autor deste livro.

1

Um passeio pela
cultura pedreirense

Um passeio pela cultura pedreirense

São muitas as manifestações culturais neste bairro, o aproveitamento destas várias expressões têm sido muito restrito e o desenvolvimento cultural que deveria ser promovido pelas entidades em geral, tem sofrido uma diminuição de intensidade em todos os setores no decorrer do tempo e por diversos motivos. Neste capítulo, propomos um “passeio” onde poderemos observar as condições atuais de diversas entidades que poderiam ter uma ação mais direta em relação a ampliação da cultura, como as escolas, as igrejas, os centros comunitários, bem como observaremos eventos e pessoas de ontem ¹ e de hoje e suas respectivas ligações com o movimento cultural.

No imenso campo aberto às manifestações culturais que é a Pedreira, vale trazer à lembrança a seguinte canção:

Na Pedreira vai ter uma batucada
Onde a negada vai se divertir
Tem uma nega que se chama de Suzana
Ela pega o caruana e fuma o tauarí

(Canção de domínio popular, de autor desconhecido)

Quem se interessou pelos antigos carnavais do bairro pode não saber o que é o caruana ou o tauarí, mas logo lembrará do ritmo da canção aqui apresentada.

O samba é uma marca registrada do bairro a partir de seu próprio codinome “bairro do samba e do amor”, título este que é justificado devido a Pedreira ter se caracterizado no passado pelo grande número de “dançarás” – Casas de danças, bebidas e prostituição ali existentes, bem como pelo grande número de casos amorosos, escândalos e crimes de paixão que ali ocorriam.

A passagem de blocos e escolas de samba pela frente das residências periféricas rumo a Avenida Pedro Miranda, para onde todas as famílias que se, porventura, não pudessem participar diretamente da folia, terminavam se fantasiando e saíam batendo em latas, fazendo seus “desfiles” nos limites do próprio quintal.

Vale a pena ressaltar o grau de depreciação que os conservadores geravam em torno do carnaval, sedimentando a visão preconceituosa de que os foliões eram de má índole, todavia, isto não impediu que sempre houvesse, em diversas épocas, por diversos motivos, pessoas interessadas que ajudaram a tradição carnavalesca a se manter no bairro.

Numa época em que muros e cercados eram raros, víamos os brincantes das diversas agremiações invadirem nossos espaços, era o caso do “Suvaco da Cobra”, bloco de sujo, organizado pelos moradores da Angustura ou de escolas de samba como Império Pedreirense.

No presente, a tradição carnavalesca como manifestação popular está cada vez mais empobrecida e recentemente, nos anos oitenta, observamos surgirem no bairro algumas manifestações carnavalescas sustentadas por políticos, como é o caso do “Bloco Aguenta o tombo”, que trazia em sua organização um vínculo com o Deputado Nuno Miranda, e o “Bloco Estrela Radiante”, como o próprio nome já demonstra, organizado por militantes petistas.

No carnaval de 1975, o “Império de Samba Quem São Eles”, embora não seja uma agremiação carnavalesca do bairro, prestando homenagem a uma representante da cultura paraense, como que profetizando, brilhou com o seguinte refrão:

Eneida, sempre Eneida
Eneida, sempre Cor
Eneida, sempre Vida
Eneida, sempre Amor.

E, no início dos anos 1980, no limite do bairro do Humarizal com o bairro da Pedreira, foi construída uma pequena praça, que recebeu o nome da escritora e foliã, Eneida de Moraes.

A partir de sua inauguração este espaço tem servido de estacionamento para os alunos da Unespa, de palanque para comícios de partidos políticos e para a instalação de um enferrujado parque de diversões. Assim sendo, a cultura continua “pedindo passagem” para desfilar na mente, tanto dos organizadores e visitantes da Feira de Ciências do CETEP, que já fizeram desta praça seu espaço de apresentação, como dos demais membros da comunidade pedreirense, que usufruem deste espaço, desinformado de seus elementos históricos e culturais.

Mas, não só de samba vive a Pedreira, a tradição folclórica é muito representativa, principalmente nas festas juninas. Contamos com a presença de um antigo morador, Guapindaia, que é militante da expressão folclórica, presidente da Associação Folclórica do Pará, que sempre articula para nossos espaços culturais pelas apresentações de cordões de pássaros, danças e boi-bumbás.

É marcante também, o festejo do dia de São Pedro, organizado pelos vendedores de peixe do Mercado Municipal do bairro, outrora, muito mais marcante pelas apresentações típicas da época, cada vez mais sofre um processo de descaracterização imposta pelo não investimento nas brincadeiras tradicionais como o quebra pote e o pau de sebo e, principalmente, pela imposição de músicas inadequadas.

Para quem presenciou quando criança o boi-bumbá invadir seu quintal sua residência, invadir seu olhar e sua fantasia, por mais que não tenha participado mais ativamente destes festejos juninos, sentirá falta de espaços livres e sem muros por onde o "boi " possa fugir e se abrigar de seu algoz "vaqueiro" e assim poderá, como que armando o quebra-cabeça do tempo, observar o desenho desconexo que o "futuro" fez do "passado".

As casas noturnas trazem em sua história, uma carga de boemia onde se mesclam a poesia, literatura e a música popular. Os alcoolizados violonistas varando bares, noite adentro como que sonoplastas melodramáticos, reportavam em suas canções situações amorosas, muito semelhantes a desconhecidos moradores do bairro. Além de muito requisitados nas rodas de amigos estes talentosos músicos tinham seu espaço¹ garantido em casas noturnas como a "Shan-gri -Lá" e a "Rosa Vermelha" onde arrebetavam as emoções dos boêmios presentes.

Embora ainda não tenham lançado mão de todo seu potencial, as escolas do bairro muito podem contribuir com a cultura. No Grupo Escolar Dr. Justo Chermont de meados dos anos 60 a meados dos anos 70 foi marcante a atuação da professora Lucinha, muito rigorosa, todavia um bom elemento de articulação nos movimentos culturais.

E pela sua atuação e de outras professoras o próprio ensino de Educação Artística era mais aprofundado. Este estabelecimento é agora uma escola de primeiro e de segundo grau, e no tocante a experiência que nos foi possível vivenciar como arte educador de classe e como pai de aluno, vimos que o interesse e a prática relacionada com a cultura artística é muito limitada.

Embora não tenhamos acompanhado suas atuações como profissionais, registramos a presença como professores de educação artística neste estabelecimento da professora Emília, formada pela UFPA e do professor Ribeiro que é responsável pela formação de grupos folclóricos.

O Centro Educacional e Técnico Nossa Senhora Aparecida é uma escola de 1ª a 4ª série, localizada no mesmo espaço ocupado pela igreja Nossa Senhora Aparecida e que devido a interdependência espacial e a atuação de professores na Paróquia e de paroquianos na escola, passa a existir entre as duas uma certa harmonia nos objetivos.

Assim sendo, todos, embora ainda tenham muito a alcançar, esta escola pode ser um exemplo, na observação de propostas educativas libertadoras, constatação esta que nos foi proporcionada na condição de pai de aluno no presente e como arte educador em 1987, responsável pela oficina de artes plásticas ali instalada, esta oficina tinha proposta de atender aos alunos em horários diferentes de seus turnos de aula, lhes proporcionando um tempo maior de envolvimento com as diversas técnicas inseridas no ensino das artes plásticas.

Este projeto teve curta duração e até então, inexistiu a presença de arte educador na escola, todavia a partir deste ano, a professora Dalva Santos assumiu as turmas de Educação Física, muito envolvida com as questões políticas e culturais demonstra ter muito a oferecer a este estabelecimento.

Um outro bom referencial de abertura as questões sociais e culturais do bairro da Pedreira é a Escola Salesiana do Trabalho, onde muitas lideranças da comunidade estudaram e participaram de seus movimentos. Entre os eventos realizados por estas lideranças está o inesquecível “Festival de Música Salesiana”, que no embalo de seus acordes, muitas composições foram acordadas mofos das gavetas para ouvidos pedreirenses, a muito silenciada. Este festival acontecia da mesma forma participativa e voluntária que era inerente ao acontecimento da Feira da Cultura do bairro da Pedreira.

Uma outra escola que atende a comunidade é o Centro Social Auxilium, inspirado na filosofia de Dom Bosco, é uma escola de primeiro grau para meninas, onde atuamos como pai de aluna e arte educador de classe especial, vale ressaltar que a classe especial ali existente é considerada estilo “padrão” entre as outras instaladas em escolas públicas.

Embora ali exista todo um interesse em se enfatizar as datas comemorativas, eventos sociais e religiosos e a festa junina seja um exemplo de tradição e bom êxito, e ainda que já tenha sido instalado nesta escola um importante espaço para o ensino de práticas artesanais atualmente sem professor e ressaltando o fato da Irmã Firmina, formada em Educação Artística pela UFPA, já ter também nesta escola ministrado o ensino de artes e atualmente se encontra nas missões, é realmente de se estranhar que uma escola com toda uma infraestrutura não tenha um professor de Educação Artística para atender o ensino regular, fato este que nos levou a dialogar com a diretora Ana Maria, sobre a importância da contratação de um profissional desta área.

Na observação das demais escolas, nos é possível denotar a inexistência de um apoio ao desenvolvimento cultural artístico, quando muito existem as comemorações dos eventos mais comerciais como a páscoa, o dia das mães etc. De uma maneira muito repetitiva e sem questionamentos. Assim sendo, é quase unanimidade a participação no desfile do dia da Raça, onde as direções de escolas tentam demonstrar a indumentária e o grau de patriotismo existente nos integrantes de seus estabelecimentos.

Quanto a contribuição cultural a partir das igrejas do bairro, podemos ressaltar uma afinidade de atuação entre a Igreja de Nossa Senhora Aparecida, a Igreja de Confissão Luterana e entre a Igreja Metodista.

Na realidade, a Igreja Metodista e os membros que lá atuavam nada tiveram a ver diretamente com o acontecimento da Feira de Cultural do bairro da Pedreira. E só posteriormente houve um estreitamento de relações entre esta e as outras duas igrejas.

Todavia, não foi possível constatar posteriormente a grandeza da contribuição que esta entidade presta aos moradores do bairro, cedendo seus espaços para atividades esportivas, reuniões em geral, cursinho pré-vestibular e pré-escolar onde atuam vários ex-integrantes da coordenação Feira de Cultura do Bairro da Pedreira, além da realização de cultos e de uma espécie de escola dominical onde se ministram ensinamentos artísticos, contando com a presença da professora Marizete ou Tetê, formada em Educação Artística pela UFPA, que juntamente com outras voluntárias oferecem atividades de música, teatro e artes plásticas.

Vale ressaltar a presença de uma militante, atualmente residente nesta igreja, coordenadora do Movimento de Crianças da Pedreira, Marilda, carinhosamente chamada de “Tia Tiba”, muitas vezes aproveitou as oportunidades oferecidas pelo evento que promovíamos para denunciar a problemática do menor. E foi baseado no seu trabalho junto ao Movimento de Crianças, que uma equipe de alunos da UNESPa, colandos do curso de psicologia, realizaram boa parte de seu Trabalho de Conclusão de Curso².

A “Igreja da Confissão Luterana”, é também outro espaço religioso muito aberto às manifestações culturais artísticas. Coordenada pela pastora Marga Rott, que oferece todo apoio para a articulação do movimento popular, esta igreja também abriu espaço para as reuniões de articulação do Centro Comunitário Liberdade, da qual, em 1984, fomos participantes e foi possível a observação de várias atividades artísticas que ali se desenvolviam.

²SOUZA, Cristóvão Raimundo Nunes de, BRITO, Célio Luiz da Silva, CARDOSO, Maria do Socorro. Psicologia Social. Uma experiência de Assessoria em Movimento Popular. Curso de formação em Psicologia da UNESPa. Belém-PA. 1991. Referências encontradas na Parte II-Desenvolvimento, no item 2.2- GRUPO ESPECÍFICO. MOVIMENTO DE CRIANÇAS.

O bonequeiro “Babi” e pelo Newton, que por sua vez, passam além seu conhecimento em oficinas de arte popular, que abrangem também, o ensino da arte circense, teatro onde salientamos a pessoa da Regina, e atividades musicais onde ressaltamos o compositor e cantor Ronaldo Silva, ressaltamos também a contribuição do artista plástico “Riba”, que, embora agora esteja fora do Estado, muito contribuiu, além da sua militância política e social, com a instalação de atividades de desenho, pintura e de oficina de serigrafia. Os cursos sobre horta caseira e medicina natural, são práticas frequentes da organização da Igreja Luterana que já teve em seu espaço, um bom cultivo de hortaliças e plantas medicinais para subsidiar esta prática.

Quanto ao desempenho das outras igrejas em relação ao desenvolvimento cultural do bairro, temos a ressaltar a beleza musical que envolve nossas ruas e avenidas ao passarmos diante de um templo, ou de um culto nas esquinas, a valorização e o investimento na expressão musical como forma de atração de seguidores, realizada, principalmente, pelas igrejas evangélicas, é uma realidade tão concreta quanto o descompromisso com a situação política do bairro. neste sentido, entre outras igrejas evangélicas, na Pedreira se instalou o templo central da igreja do Evangelho Quadrangular, liderada pelo pastor americano Josué Bengtson, que continua atraindo novos fiéis com suas novas melodias e velhas mensagens.

E, assim como a Pedreira abriga igrejas que exercem suas atividades, sem questionarem as condições sociais que afligem os moradores da área onde estão localizadas, da mesma forma, este bairro abriga artistas de diversas categorias, que somente estão preocupados com a promoção de seus trabalhos de forma individual, inspirando sua produção mais em questões sentimentais. Podemos citar o caso do cantor de brega José Rodrigues, que antes de lançar suas músicas, trabalhava no bairro como barbeiro e tinha o apelido de “China”, foi morador da Angustura, o cantor da mesma linha musical, Piri-Piri.

Ainda é possível observarmos hoje, da mesma forma que , há 15 anos atrás, o artista plástico Potiguara, fazendo um intervalo entre uma sessão e outra de pintura no pátio de sua casa. Reside no bairro , também,o artista plástico Galvão, que se destaca por sua destreza na técnica do lápis de cor, os dois são cheios de habilidades, todavia não se inserem nas atividades culturais coletivas, que reforcem os questionamentos sobre a organização do bairro.

Existem basicamente no bairro, 5 Centros Comunitários atuantes com uma proposta séria na área da Pedreira, são eles os seguintes: Centro Comunitário Liberdade, Visconde de Inhaúma, Irmãos Unidos, Amazônia e São Francisco de Assis; geralmente organizados e liderados por militantes das comunidades eclesiais de base ou dos diversos setores do movimento popular, firmados com a Teologia da Libertação e em suas diversas atividades, percebemos a importância que é dada a um exercício permanente de arte, que se expressa nas canções entoadas durante as reuniões e nos panfletos e cartazes elaborados para convoca-las, conhecendo esta importância quando elegemos a primeira coordenação do Centro Comunitário² Liberdade, não esquecemos de manter a coordenação de assuntos culturais, da qual o autor deste livro foi eleito o primeiro coordenador.

Observando o referencial dos negros africanos, que utilizavam a prática da capoeira, sua ginga, o canto e a manipulação de instrumentos musicais, aparentemente, só como uma forma de diversão, mas que por trás, estava todo um preparo para a fuga do cativo, podemos observar neste contexto pedreirense como organização cultural, poderá originar a organização social e de como os integrantes desta prática, mesmo sem uma atuação de esquerda definida, podem promover mudanças através do seu interesse e amor pela atuação cultural.

Fizemos este breve “passeio”, sem olharmos todas as “ruas” do bairro, todavia, estas referências, já são suficientes para proporcionar uma clareza sobre o local, pessoas e circunstâncias, que promoveriam o nascimento da “Feira de Cultura dos Artistas da Pedreira”.

2

O nascimento da Feira de Cultura do
Bairro da Pedreira e o contexto Histórico

O nascimento da Feira de Cultura do Bairro da Pedreira e o contexto Histórico

Nem sempre o envolvimento de adolescentes e principalmente de crianças com as práticas religiosas acontecem de forma amadurecida e consciente, podemos observar nos álbuns de fotografias de bebês a chorarem irritadas, como a reclamar de seus pais pelo não consentimento à escolha de participar ou não do ritual de batismo. Bem como no mesmo álbum pode ser possível a observação de adolescentes que há tempos ansiavam por serem fotografados todos de branco ao lado do padre e de Cristo.

Assim sendo, independente de vocação religiosa de seus fiéis, as igrejas, inclusive as católicas, sempre procuravam lançar mão das mais diversas formas de atração para seus templos, assim, se a voz de Deus não falava aos ouvidos pedreirenses, uma “boca de ferro” seria instalada e em alto volume contaria:

Prova de amor maior não há,
Que doar a vida pelo irmão.

Em finais dos anos de 1970, era o padre Geraldo, então responsável pela Paróquia da Aparecida e a proposta de aparecer para a comunidade e da comunidade aparecer para a igreja, não era difícil de ser cumprida, já que ali, além de centro religioso poderia ser uma referência de centro cultural e assim, refrões como o citado acima, são tão marcantes como a presença de atores amadoristicamente, envolvidos em lençóis, encenando a “Vida de Cristo” sobre o velho palco.

Este velho palco é o que abrigaria muito mais que encenações amadorísticas de histórias bíblicas, liberado pela atuação mais aberta dos padres progressistas, foi o local de ensaio para a formação de jovens preocupados com as aflições de sua

comunidade, encenariam mais tarde no palco da vida, o que aprenderiam na Pastoral da juventude, catequese, liturgia, comunidades eclesiais de base, etc. Todas essas áreas de militância do movimento católico, mas com um acentuado grau de questionamento político e social.

E, neste aspecto da problemática social começaram a ficar bem visíveis atitudes com propostas mais arrojadas no campo das soluções em coletivas, pois, sempre existem pessoas que priorizam as soluções em conjunto em detrimento da própria estabilização pessoal. Quase como regra, estes integrantes jovens ou mais adultos, casados ou solteiros, já vinham a algum tempo conciliando a atuação religiosa com a estudantil, comunitária, sindical, etc.

Com esta conciliação entre o social e o religioso, o campo ideológico do grupo foi se diversificando, causando o envolvimento de seus integrantes com correntes partidárias de difícil conciliação com os ideais da igreja.

Fato este que gerou, no final dos anos de 1970, um momento muito forte de conflito, pois, alguns jovens, a maioria militante do movimento religioso, organizaram um grupo de teatro e, através dele, começaram a propagar ideias que não pareciam se harmonizar com as propostas comuns aquele espaço. Este conflito foi solucionado com o afastamento destas pessoas, que mais tarde se assumiram integrantes do Partido Comunista do Brasil – PCdoB, que continuariam sua atuação fora dos muros da Aparecida, muitas vezes acentuando mais as divergências entre a igreja e o partido. Este tipo de conflito teve seu aspecto salutar, pois, trouxe à tona fatores relacionados com o preconceito, com a ideologia que ao longo dos acontecimentos acentuam nossas reflexões sobre o que é a “verdade”.

Este grupo dissidente continuou a fazer cultura e militância política do lado de fora e um outro grupo continuou a fazer cultura, um tanto esporadicamente, no interior da igreja. Uma cultura de assessoria, de amparo ao movimento religioso, vale aqui ressaltar os grandes murais que tomam o espaço da parte superior do altar, modificados anualmente conforme o tema da Campanha da Fraternidade, executados pelo Manoel, também tem as ilustrações de panfletos e cartazes, além do próprio grupo musical que acompanha as missas.

Com o passar do tempo, começou a haver uma percepção de que em face a riqueza cultural da Pedreira e devido ao espaço disponível, seria possível a congregação de outros artistas do bairro, sem que obrigatoriamente fossem militantes de movimentos, sem que suas expressões artísticas estivessem assessorando uma determinada causa. Esta vinculação, obrigatória ou não, como critério de participação da Feira, seria sempre algo não muito evidente em face aos objetivos pretendidos pelos organizadores da Feira de Cultura.

O fato importante é que o evento terminou se dando e os objetivos planejados inicialmente, eram os seguintes:

1-A promoção dos talentos do bairro, seria uma meta prioritária, sem todavia, ocorrer a exclusão de artistas que nele não morassem, pois havia o recebimento de muitos pedidos de inscrições de pessoas que, embora, não fossem moradoras, mas por serem ativistas no bairro ou em outras categorias de militância, ou pela própria natureza de seu trabalho, logo se percebia que em muito contribuiriam para o evento.

2-Seria um momento de reunir uma série de fatores úteis a fatores agradáveis, proporcionando a atração de grande fluxo de fiéis, que durante as próprias missas seriam convidados para assistirem ao evento, ao mesmo tempo que aproveitaríamos o grande número de frequentadores da igreja, proporcionaríamos a eles a oportunidade de acesso as apresentações culturais gratuitamente ou a um preço bem acessível. Assim sendo, utilizaríamos o palco adequadamente, já que, durante muito tempo ficava sem aproveitamento.

3-Uma melhor integração da paróquia com os moradores que poderia ser também facilitada pela atividade cultural artística.

É possível perceber que, muito embora as igrejas ligadas a Teologia da Libertação se instalem em áreas mais pobres, mesmo ali, existem pessoas que criticam suas posições por acharem que elas se afastam de atividades devocionais e passam a estimular uma prática de vida mais materialista em seus fiéis.

E, por isso, muitos deles se afastam e mesmo que não tenham aprofundado esta reflexão como objetivo, nos era evidente que este evento poderia dar uma contribuição para a aproximação dos moradores. Aproximação esta que deveríamos tentar promover com o mínimo de contradições possíveis.

1-Para que estas contradições fossem minimizadas e realmente se afirmassem como uma prática “libertadora”, tínhamos proposto que só se abrissem, na medida do possível, espaços para os artistas evidentemente comprometidos, que trouxessem em seus trabalhos mensagens que propusessem uma reflexão sobre a situação de injustiça social, já que esta reflexão por si só já é um grande passo a solução das mesmas.

2-Embora não tenha sido possível a localização do Estatuto da “Associação Cultural Henrique Filho”, através do qual seria permitida a comprovação dos objetivos que realmente foram traçados como prioritários pelos ex-organizadores da Feira de Cultura dos Artistas da Pedreira, é possível, a partir do acompanhamento da atuação destes ex-dirigentes, pelo conhecimento do engajamento político cultural que os impulsionavam, declarar que um dos objetivos centrais, logo definidos nas primeiras realizações do evento, era o de máximo aproveitamento e da tentativa de ampliação do processo de abertura política, que tão arduamente, havia se iniciado e que teria seu momento de glória para a classe artística, com a extinção definitiva da censura, inspirado nas atuações empreendidas pelos artistas no intuito de finalmente desafiar e desgastarem o “fio” deste órgão de repressão, foi composta a seguinte canção, intitulada “Tesoura em Fúria”, com letra e música de Sinval Filho.

Eu não quero fazer parte
Desta América cativa
Solto a voz, meu canto é arte
Morte e morte, a vida viva

Não se importe se eu não porte
Nada mais que o forte
Som de meus cantores
De amor, arma anti-corte
Da censura dos lugares

Vai de mim Tesoura Escura
Vai cortar tua própria língua
Pra que vive a censura
Se este povo, morre a míngua

Afiada se diz cega
Pra não ver quem mata e mente
Que piada logo pega
Corta e cola o inocente

Nossa vida é tão dura
Que procura o cantador
Se livrar da desventura
Quando canta sua dor

Mas um dia muda a regra
E surge um jogo, diferente
Se o fogo que o canto prega
Queima a alma desta gente

Os objetivos apresentados no início deste capítulo, só seriam oficializados mais tarde, no ano de 1988, por ocasião da discussão do Estatuto da Associação Cultural Henrique Filho, que seria a criação de um conjunto de leis que norteariam todas as ações culturais promovidas por esta associação e que, apesar de não estarem definidas em estatuto durante as primeiras apresentações, já pareciam evidentes a maioria dos organizadores.

A primeira FECAP, ocorreu no dia 27 de Outubro de 1985, e é possível observar que ela é um fato histórico causa e consequência de outros fatos históricos. E, assim como no início deste trabalho, fizemos “um passeio pela cultura do bairro”, enfocando os aspectos culturais de ontem e de hoje, que poderiam ter oferecido base para o acontecimento da feira, da mesma forma podemos passear fora do bairro e até fora do Estado, buscando alguns fatores históricos, que também a teriam influenciado.

A igreja Aparecida já havia abrigado, no início dos anos 1980, as articulações referentes aos últimos momentos do “Movimento de Libertação dos Presos do Araguaia”-MLPA e nos momentos de passeatas e vigílias, sempre se abria um espaço para manifestações artísticas, ocorriam cenas muito expressivas, tais como a do mamulengueiro, Babi, declamando a poesia “Operário em Construção”, de Vinicius de Moraes, durante uma vigília na Praça da República. Presença marcante, também, era do grupo musical “Era da Terra”, integrado por alguns nomes de expressão da cultura regional como, Edir Gaia, Carlinhos e Déia Palheta, que não se negava a animar as manifestações de todas as categorias do movimento popular.

Começavam a brilhar estrelas como, Ronaldo Silva e seu boi “Pavulagem”, Almirzinho Gabriel, o regionalíssimo, Walter Freitas, Alcir Guimarães, o Grupo Porta de Casa, Eduardo Silva, o maestro Waldemar Henrique, Nilson Chaves e o Vital Lima, estes todos artistas que põem à mostra a farta fonte de inspiração, que emana do regional. A FECAP é filha da atuação destes artistas no contexto histórico, que de repente semeava no coração de outros artistas, o anseio de criar uma arte condizente com a sua cultura e com o seu tempo, irmanados por esta mesma fonte de inspiração, por ocasião das primeiras FECAPs, compusemos e várias vezes, cantamos esta música em ritmo de carimbó, tentando aliar poesia, regionalismo e questionamento social, letra e música são de Sinval Santos:

Açaí

Açaí não estás mais aqui
Na cuia do pobre aflito
Sai daí, o que fazes aí?
Em rica mesa virando palmito?

Açaí eu nunca te encontro
Dia e noite não paro te caço
Mas sei que enlatado, estás pronto
Açaí não estás mais no mato.

Açaí eu te busco e a família
Em casa espera o mingau
Mas sei que só quem sabe tua trilha
É o farto industrial.

Açaí teu brilho tão preto
Por aí eu procuro, cadê?
Isso aí é demais pro meu peito
Acabaram açaí com você

Açaí te levaram a extinção
Como um bicho, um lixo qualquer
Faça aí um chibé de ilusão
E tomemos querida mulher

Açaí, mas eu tenho a esperança
De um caroço ainda existir
Vou sair como algém que não cansa
E buscar-te açaí por aí

Nunca tivemos como uma proposta fechada, a exclusão de cultura não regionalista, muito pelo contrário, tudo o que é bom deveria ser bem-vindo. E em nosso evento, tanto o espaço para uma quanto para a outra, estariam garantidos. E o momento da abertura política permitia tanto a audição quanto a execução de Chico Buarque, Gilberto Gil, Caetano, Djavan, Geraldo Vandré, quanto Mercedes Sosa, Pablo Milanês, Bob Dilan, John Lennon, etc.

Vale ressaltar que as produções artísticas eram influenciadas por diferentes fontes de inspiração, podemos lembrar a música “Crianças Latinas”, já no início dos anos 1980, criada pelo Edir Gaia e só no ano de 1992, gravada pelo cantor e compositor Adilson Alcantara, a música “La Revolucion”, de Gilberto Ichiara, premiada no Festival do SESC, tão divulgada por Delço Taynara, no início de carreira e nesta mesma linha com uma letra que lembra o regionalismo, embora a Amazônia também adentre outros países da América do Sul, com um ritmo latino americano, foi composta. Desperta Amazônia, letra e música de Sinval Filho.

Desperta Amazônia
Que estão te roubando
Teu povo só sonha
Só sonho até quando?

Teu ouro palmito
Tão longe daqui
Um coro num grito
Tens que reagir

Desperta teu povo
Num alegre cantar
E em festa um novo
Canto se eleva no ar

Que ecoe nas roças
Nos mangues, seringais
A drenar velhas poças
De sangue, de um povo de paz

E as cores da terra
Dizem adeus região
Matam o rio, despem a serra
Que barra na escuridão

No escuro de um corvo
O vermelho da arara
Está na dor de um povo
Que sonha e o sangue não para

O advento da Nova República e suas contradições, foi um momento histórico a que sempre esta feira cultural se reportava, mesclando suas atrações artísticas, com uma roupagem de denúncia. Todavia, houve um momento nesta fase histórica em que se ciou uma expectativa na classe cultural e artística a partir da criação da Lei Sarney, que logo se reverteu em uma série de confusões e irregularidades, que fizeram com que sua duração fosse breve e a organização da FECAP, que pretendia se beneficiar com seus subsídios, não teve tempo de fazer.

Além da Lei Sarney em si, também facilitados por ela, uma série de outros fatos ocorriam ao redor, que nos possibilitava perceber o quanto a FECAP poderia se tornar forte. Algumas entidades pareciam se abrir a propostas culturais como o CENTUR e projetos como o Preamar, clima de som, Sessão Espaço, Arte Paixão, etc., a FUMBEL, Fundação Cultural do Município de Belém, a Companhia Vale do Rio Doce com seu patrocínio, a Fundação Rômulo Maiorana, que tem no Arte-Pará sua manifestação mais expressiva, a Fundação Valdomiro Gomes, a Fundação Estacon, além do surgimento do Salão Amazonarte e de outros salões e espaços culturais, que seriam avaliados como referência de possível acesso.

Era animador também, para os organizadores desta feira da cultura, a possibilidade de contato com entidades, em sua maioria estrangeiras, através das quais poderiam ser viabilizados subsídios para a promoção deste evento. Estas informações eram possibilitadas aos organizadores a partir de agentes da Fundação de Assistência à Educação, FASE, e de técnicos de outras entidades, mas que sempre procuravam alertar para a necessidade de que fosse formulado um projeto de FECAP e de que o evento fosse oficializado como condição de efetivação do convênio.

Estes acontecimentos, eventos, contatos, com fundações e propostas motivaram a realização da FECAP e continuaram impulsionando sua disposição de existir até o ano de 1990, quando aconteceu a quinta e última apresentação, pois que nada impede que outros fatores políticos ou não a faça ressurgir novamente.

3

Do processo de criação e organização
do processo de legalização

Do processo de criação e organização ao processo de legalização

Ao entrevistarmos as pessoas que cooperaram com a realização da FECAP, é unanimidade a atribuição ao Delço Taynara, a ideia da criação da mesma, bem como da confirmação de seu empenho para que o evento acontecesse.

Acompanhado de perto pela sua então namorada, Solange, e de outros militantes que apostaram na ideia, a ponto de juntos articularem o evento, que tendo como sigla FECAP, se traduziria como Feira Cultural da Aparecida, mais tarde teria o nome de Feira Cultural dos Artistas da Pedreira.

É importante lembrar que este memos grupo, interessado na feira, já cooperava com outros eventos culturais que aconteciam em datas pré-determinadas anualmente, como o show do dia 7 de setembro, que muitas vezes, por falta de estrutura adequada, deixava de acontecer.

A proposta da FECAP não era a comemoração de uma data específica, embora, posteriormente chegássemos a tentar delimitar temas para este evento. A comemoração da cultura, um dia de cultura artística, transformadora, era a proposta em si.

A primeira feira se deu em 7 de outubro de 1985 e, apesar de pretendermos manter esta data nos outros anos, por falta de estrutura adequada, muitas vezes não nos foi possível.

Para evitar que houvesse quedas nas propostas, alterações de datas, para que fossem geradas estruturas compatíveis e o público, enfim, pudesse contar com o evento na data pré-estabelecida, se acentuou cada vez mais a preocupação com a formação de uma coordenação para o evento.

E, enquanto amadurecia a eleição de um coordenador geral, optamos por estabelecer um calendário de reuniões com a equipe de organização e pela formação de grupos de atuação entre os participantes, que, as vésperas do evento, teriam suas funções definidas e específicas, obedecendo o grau de interesse, afinidade e talento de cada um para exercer da melhor maneira, mas buscando um critério de qualidade. Sem esquecer que as reuniões eram abertas ao público. E, mesmo quem não estivesse inserido em uma equipe, mas, quisesse participar seria bem-vindo.

Durante toda a nossa prática, nunca obtivemos patrocínio, a criatividade e improvisação, era o que nos valia para conseguirmos impressos, transporte, divulgação. A principal dificuldade estava no aluguel do aparelho de som, que deveria ser aproveitado ao máximo, tendo em vista seu custo.

A própria estrutura do salão e do palco era deficiente, com iluminação inadequada, precariedade das instalações elétricas, ausência de camarins, maus assentos e ventilação. Tudo isso aliado a má vontade de um caseiro, que, na época, atuava na paróquia, aumentando nossas dificuldades.

Por essas e por outras razões, concordávamos que era necessário a busca por uma melhor estrutura e como fomos alertados de um projeto e a apresentação deste a determinadas entidades, poderíamos ter uma solução. No entanto, havia por parte desta, a exigência de que a entidade fosse legalizada e, lógico, se ela tem um projeto deveria ter um estatuto e uma coordenação eleita democraticamente para fazer cumprir.

Diante de tantos motivos, se iniciou um processo de discussão que extrapolou as esferas dos organizadores e se estenderia para todos os interessados em contribuir. E com as discussões sobre a estruturação de um estatuto e de uma coordenação, surgiu também questionamentos sobre a restrição da FECAP, ao bairro da Pedreira, pois, quando foi percebida a possibilidade de ir além, já que teríamos todo um trabalho de articular um evento, por que não articularmos uma Associação Cultural? Ideia que todos pareceram comungar.

E essa associação, apesar de articulada no bairro da Pedreira, procuraria ampliar ao máximo sua área de atuação, aceitando a filiação de todos os outros bairros e a promoção de seus eventos, não deveria procurar outros espaços culturais existentes na cidade, não mais se restringindo ao salão paroquial da igreja.

E, a FECAP, que havia deixado de ser traduzida como FEIRA CULTURAL DA APARECIDA, manteria a tradução de FEIRA CULTURAL DOS ARTISTAS DA PEDREIRA, passando a ser um dos eventos culturais que a Associação Cultural se comprometeria assumir e continuar mantendo.

Estas discussões tiveram início no ano de 1987, quando a Associação assumiu a IIFECAP e mais precisamente no dia 27 de outubro, data de sua criação, esta entidade ganhou o nome de Associação Cultural do Bairro da Pedreira, sendo que seria seis meses depois, após os organizadores refletirem sobre a morte de um militante cultural muito atento as questões sociais de seu tempo, decidiram homenagear o cartunista Henfil, propondo

seu nome como patrono desta associação. Assim sendo, a ACBP, Associação Cultural Henrique Filho, com a sigla ACHEF, e em 1988 passamos por um período de definição do estatuto da mesma e da eleição da coordenação, que era encabeçada pelo pedagogo da SEDUC e poeta Carlos Paixão, com boa penetração nos meios culturais, alguém que muito teria a contribuir com a associação.

Belem, quinta-feira, 26 de janeiro de 1989

Jornal dos Bairros

O LIBERAL 3

Associação agita a área cultural e artística no dia-a-dia da Pedreira

Após a fundação da Associação Cultural Henrique Filho, os artistas pedreirenses já possuem espaço garantido para suas apresentações. Com essa iniciativa, os novos talentos da Pedreira estão conseguindo trabalhar organizadamente e, principalmente, estão tendo a valorização devida. Mas, não foram somente os artistas que ganharam com a iniciativa de um grupo de artistas do bairro. A população também é beneficiada, já que freqüentemente os moradores podem ter acesso às exposições, shows musicais, peças de teatro, entre outros espetáculos. Todos esses eventos são mostrados na Igreja de Nossa Senhora Aparecida, na avenida Pedro Miranda.

Na ótica dos organizadores da Associação Cultural Henrique Filho, a Pedreira é um bairro que está repleto de pintores, poetas, cantores, atores e artistas diversos que, por falta de apoio e espaços para mostrar os trabalhos, não conseguem se tornar conhecidos do público. Daí a necessidade de criar uma entidade que conseguisse abranger todos os grupos artísticos do bairro e fazendo um trabalho organizado na área cultural. "A Pedreira tem muitos artistas, muitos talentos que precisam ser valorizados", ressaltou Aldo Bandeira, membro da diretoria e do grupo musical "Fruito Sem Terra". Conforme Aldrey Antônio, músico e associado, um dos principais objetivos da associação cultural criada na Pedreira é "promover,

forma política de manifestação", ou melhor, apoiar e fortalecer as organizações populares não só do bairro, mas de toda a cidade.

Homenagem a Henfil

Quando fundada, a Associação Cultural Henrique Filho tinha um nome mais pedreirenses. No dia 27 de outubro de 1987, dia de sua criação, a entidade se chamava Associação Cultural do Bairro da Pedreira. Seis meses mais tarde, por decisão da diretoria, o nome foi trocado para o atual, em homenagem ao cartunista Henrique Filho,

o genial Henfil, que era hemofílico e morreu de AIDS, contraído numa transfusão de sangue.

Atualmente, a associação possui 20 sócios. São integrantes de grupos de teatro e música, pintores, artesãos, poetas e atores, que integram a vida artística do bairro da Pedreira. Nesses quase dois anos de existência, a associação já demonstrou que pode e tem forças, principalmente de vontade, para se firmar no ramo cultural de Belem. Vários trabalhos já foram mostrados, entre apresentações de teatro, shows e exposições. O evento de maior destaque, segundo

A Associação Cultural Henrique Filho, de Pedreira, reúne muitos grupos.

seu trabalho. A feira, assim como os demais espetáculos, acontece na Igreja de Nossa Senhora Aparecida, e há quatro anos que o evento vem sendo realizado. Segundo Aldo Bandeira, depois da criação da associação, essa feira chamada Fecap se tornou mais organizada, já que a associação encampou o evento, e assim o trabalho ficou mais estruturado e abrangente, dando maior oportunidade para um variado número de artistas.

Na avaliação de Aldo Bandeira, a associação cultural está crescendo, com o envolvimento completo dos associados e o prestígio do público. Para Márcia Carvalho, a entidade está sobrevivendo mais pela força de vontade dos organizadores, já que o grupo não possui nenhuma experiência no ramo. "O amadurecimento está surgindo aos poucos. É difícil trabalhar o lado artístico", diz Márcia. No próximo dia 15 de fevereiro, na assembleia geral dos sócios, todos poderão fazer também sua avaliação sobre a associação. O momento servirá ainda para fazer o programa de trabalho para 1989 e o plano de trabalho.

Aldo Bandeira

Márcia Carvalho, que atua na área de teatro, foi a participação no projeto Clima de Som, no mês de julho passado no teatro Libero Lúxardo do Centur. A Associação Henrique Filho apresentou "Mingaus", um show musical. "A gente teve contato com outro público", avalia Márcia. Outro trabalho de grande relevância foi a participação numa feira de variedades, on-

Para cumprir a proposta de buscarmos novo público, conseguimos uma pauta no mês de julho de 1988 para apresentação do show “Missangas”, no Teatro Libero Luxardo, no CENTUR, dentro do projeto Clima de Som, em 18 de dezembro deste ano, voltamos a realizar a IV FECAP, na Aparecida.

E a nível de divulgação na mídia oficial, tivemos duas matérias no jornal “O Liberal”, uma delas datada de 26 de janeiro de 1989, no “Jornal dos Bairros”, é bem extensa, contendo depoimentos, do Aldo Bandeira, Aldecy e Márcia Carvalho e fotografias do Grupo Raça.

Curioso é que depois da geração de toda uma infraestrutura e da realização da FECAP, de 1988 com uma grande apresentação, a associação se desestruturou a ponto de não realizarmos a V FECAP, em 1989, só acontecendo este evento em janeiro de 1990, com pouca contribuição dos integrantes da associação.

4

Membros atuantes na
organização da Feira de
cultura do bairro da Pedreira

Membros atuantes na organização da Feira de Cultura do bairro da Pedreira

O que caracterizava o grupo dos ex-organizadores da FECAP, era a militância da maioria de seus componentes no Partido dos Trabalhadores-PT e da ligação com os movimentos sociais da igreja católica, embora muitos deles com uma visão mais politizada da vida.

A maioria terminou ou está concluindo o curso superior, embora nenhum deles optasse pelos cursos de Educação Artística e somente três destes integrantes, no caso, Delço Taynara, Henry Burnett e Sinval Filho, optassem pela construção de um trabalho profissional no capo das artes.

Outro grupo, embora não como prioridade, continua se envolvendo com a produção artística, como sabemos, da produção poética de Carlos Paixão, de Dário e Mileny e do curso de expressão corporal elaborado por Dalva Santos e Myrian Carvalho, o Aldecy continua utilizando sua boa voz para animar os encontros de movimento popular.

A igreja Aparecida sempre funcionará como um “ponto de encontro”, um local onde acontece uma espécie de “nepotismo” comunitário, pois, existem muitos casos onde o sentimento de contribuir para o processo de transformação social, parece ser uma herança de família e assim podemos observar vários membros da mesma família, atuando em diversas áreas desta paróquia. Neste local ocorrem muitos casamentos, não só de ideias, por isso, no período da FECAP, muitos relacionamentos afetivos se iniciaram ou tomaram proporções mais intensas, demonstrando a influência harmônica de nossas atividades em nosso relacionamento afetivo e vice-versa. Por mais que a Feira Cultural não volte a ser articulada, as ligações pessoais perdurarão como forma de reflexão e de memória do evento.

Com a pretensão de apresentarmos um perfil dos componentes desta “Família” FECAP, queremos registrar o nome de 17 pessoas e de um grupo que possibilitou a realização deste evento, são eles: Stélio e Silvia Lôbo, Aldo Bandeira, Mileny, Myrian e Márcia Carvalho, Alexandre, Solange, Sinval Filho e alguns dos integrantes do grupo de teatro “Uirapuru”, que se revezavam na cooperação com a equipe de organização, entre eles Mário,, Marilene, Marcilene e Maury.

Deste conjunto de nomes, resolvemos destacar os de oito pessoas , que pela diversidade de atuação, de formação e pela persistência no trabalho artístico ou comunitário , podem nos oferecer um perfil geral de quem foram estes colaboradores. Estas oito pessoas são: Padre João Maria Van Dorem, o poeta Carlos Paixão, o agente pastoral Adamor Marques, o músico Delço Taynara, o agente pastoral Aldecy, a professora Dalva Santos, o músico Henry Burnett e o professor Dário Azevedo, dos quais, nas apresentações que se seguem, se faz um comentário sobre a sua atuação na FECAP e em outras esferas do movimento cultural e popular completando este capítulo.

João Maria Van Doren

João Maria é o padre da Igreja Nossa Senhora Aparecida, por trás de sua figura alta, esguia e tranquila, de repente se mostra toda uma boa intenção de uma prática social ligada a religião.

É a figura doce e estratégica do administrador que aprendeu a dividir todas as responsabilidades e decisões. É o estrangeiro que optou pelo afastamento físico de sua cultura primeiro mundista para se engajar na defesa do homem e da cultura “tupiniquim”.

Não há quem fique indiferente as suas pregações, que em todos os tipos de celebrações, missas, batizados, casamentos, etc., trazem sempre a mesma tentativa de aliar o conhecimento evangélico às propostas de solução para os problemas sociais.

E como na música de Chico Buarque, “João e Maria”, “Agora eu era herói e o meu cavalo só falava inglês”, se compararmos o cavalo à disposição deste padre, diríamos que ele fala holandês e da Holanda veio dedicar todo seu trabalho na tentativa de conduzir Joãos e Marias ao heroísmo de transformar utopia em realidade.

E como na história de João e Maria, a igreja se torna a “Casa de chocolate”, que jovens e crianças, feito abelhinhas, se sentem tentados a entrar atraídos pela doçura do padre, tipo pai, tipo avô, ou, tipo criança, que lá lhes espera. E foi neste clima de hospitalidade responsável, que ele permitiu a abertura dos espaços da paróquia para a realização da Feira de Cultura.

Carlos Jorge Paixão

Carlos Paixão é pedagogo da SEDUC, professor da UNESPA e está atualmente concluindo pós-graduação em São Paulo. No período da FECAP, todo grupo de militantes costumava frequentar sua casa, transformada numa espécie de espaço cultural, onde uma das boas opções era o canto do Aldo Bandeira, acompanhado pelo Paulo Teixeira ao violão.

Paulo Teixeira, foi também o criador da capa do primeiro livro de poesias deste poeta, intitulado, “Ato de Criação”, que conta com a apresentação escrita pelo professor Daniel Trindade, da qual reproduzimos a seguir uma parte que bem ilustra quem é este “pedreirense”.

“Esqueçamos por alguns instantes da poesia (é possível?), falemos do poeta. Quem é Carlos Paixão? Ora... é um funcionário público. Uma poesia que caminha pelas “Ruas negras/Entornando triste canção/. São ruas da juventude, ruas de poemas nus, notas dissonantes no ar, ruas da pedreira. Foi nesse bairro que nasceu a poesia de Carlos. Aquele desejo de transformar poesia em poema. A busca de ‘Uma porta aberta de um porão’. Também a coleta para a compra de uma bebida: Um verso solto”.



Adamor Pereira Marques

O Adamor sempre foi uma espécie de coringa na paróquia, secretário, agente pastoral, conselheiro, entre tantas outras funções. Eram atividades que sempre pareceram facilmente conciliáveis para ele.

E este mesmo poder de conciliação, muito nos levou durante a FECAP, para harmonizar as propostas mais extravagantes de seus organizadores, com as composições das lideranças mais recatadas da igreja. Com sua habilidade de liderar, secretariar, fechar e encaminhar propostas, a FECAP, teve um grande impulso.

Apesar de não ter formação artística, Adamor tem voz muito agradável e a muito vem contribuindo com o movimento com canções muito bem interpretadas, sua voz é muito requisitada nas celebrações religiosas ainda hoje e também nos eventos do movimento popular.

Hildefrancis Trindade de Souza

Delço Taynara

Delço Taynara foi uma das primeiras pessoas procuradas no início deste trabalho, com o qual muito contribuiu, prestando esclarecimentos, cedendo anotações e uma fita k-7 de uma das primeiras FECAPs. Dentre uma série de folders, recorte de jornais e panfletos da divulgação sobre o seu próprio trabalho, foi possível condensar e registrar o seguinte:

“Delço Taynara, nasceu na Pedreira, pelas mãos de uma parteira e sempre teve uma grande afeição pelo bairro, do qual destaca o lado da organização e da discussão política. E foi nesse clima que, na adolescência, começou a tocar violão na igreja Aparecida”.

Festivais de música, seguidos da abertura de espaço na noite, possibilitaram o crescimento de sua carreira marcadas pelas apresentações no projeto “Clima de Som” e outros, até um grande show intitulado “Tchiatro Nacional”, realizado nos dias 17 e 18 de maio de 1989, no Teatro Margarida Schiwazzappa.

Sua primeira gravação se deu no disco coletânea da Engeplan, lançado em 1990, com a música “Casa”, de Vital Lima. Em fevereiro de 1991, lançou seu primeiro LP “A Queima Roupa”, contendo dez músicas de compositores paraenses consagrados, entre elas a música “Alva”, que ele compôs com Carlos Paixão. Atualmente está gravando seu 2º LP, “Cheiro Brasileiro”, que pretende lançar em setembro deste ano.

Delço Taynara, atualmente não reside no bairro, é o presidente da Associação de Músicos Interpretres Letristas e Compositores do Pará. A “CLIMA”. Mas, apesar da mudança de bairro, deve estar vivenciando o mesmo “CLIMA” de exigência profissional e talento que lhe são inerentes, contribuindo com esta entidade na prática de todo um “Know-Haow” previamente adquirido através de um evento que ele declara ter sido por outros idealizado anteriormente , mas, que coube a ele a iniciativa de organizar e colocar em prática a FECAP.

Aldecy Antonio de S. Pereira

Acompanhamos o Aldecy no magistério, na Escola de Emaús, na organização da FECAP e bem mais próximos ainda quando juntos formamos um grupo musical que cantava com sua presença na interpretação, da Dalva Santos, também no canto, do Seu Osias na percussão e com o autor deste livro nas composições e no violão.

Após atuar profissionalmente como agente pastoral da Aparecida, o Aldacy, trabalha agora na igreja Metodista, onde além da função de secretário, termina exercendo também várias outras funções.

O Aldecy tem uma boa voz, continua escrevendo poesias, embora esporadicamente, sendo um amante das artes, em 1992, teve uma de suas composições feitas em parceria com o Henry Brunett, classificada nas finais do 1º Festival de Música Paraense, intitulada, “Ressurreição”. Esta música foi gravada por este seu parceiro em seu LP.

O termo “amante das artes”, se tornou bem mais adequado, ainda, no último dia 1º de julho, quando o Aldecy, se casou com a Myrian Carvalho, uma das ex-organizadoras da FECAP, vale ressaltar a originalidade conseguida através de performances, apresentações musicais durante a cerimônia de casamento num clima muito semelhante ao da Feira Cultural, que aqui abordamos.

Dalva de Cassia Sampaio dos Santos

É difícil desassociar a pessoa da Dalva da ideia de energia, movimento e sensualidade, tão forte a impressão que ela causava pela sua participação no “Grupo Raça”, quando dançava. Talvez pelo domínio e elasticidade corporal a partir de sua escolha profissional, ela sempre aparecia realmente como destaque nas coreografias.

Dalva continua sendo uma forte referência da militância política de esquerda no bairro e passou a atuar como professora de Educação Física na Escola da Aparecida, a partir deste ano, onde é também orientadora pedagógica e já foi professora primária.

Sua expressão corporal, aliada a sua voz, com certeza, fariam muito sucesso se bem aproveitadas, já que chegou a fazer vocal nos shows, de início de carreira, do Delço Taynara, se apresentou várias vezes cantando ao lado do Aldecy, até posteriormente, formarmos um grupo musical, juntamente com seu Osias.

Apesar da desarticulação do “Grupo Raça”, ela esteve no início deste ano, a convite da Diocese, ao Rio de Janeiro, juntamente com a Miriam, ministrando, neste estado, uma oficina de expressão corporal, intitulada, “A Bíblia na Linguagem do Corpo”, para o movimento popular. E, com a mesma disposição, continua aberta a propostas de ministrar oficinas semelhantes a estas, nas diversas áreas do movimento popular dentro do estado, que estejam interessadas.

Henry Martin Burnett Júnior

O Henry Burnett, como era costume chama-lo, passou a integrar o movimento da Aparecida, ainda adolescente, com um violão ainda não dominado e uma série de indefinições, que logo começaram a se resolver, pois, a música sempre pareceu seu maior interesse.

Com o conhecimento da existência dos movimentos populares, formou com o Getúlio Freire e o Aldecy, o grupo musical “jejuá”, nome formado pelas iniciais do nome dos três integrantes e que tinha como proposta, o que o próprio nome já lembra, uma reflexão sobre as privações do povo desfavorecido, através de músicas, na maioria compostas pelos componentes do grupo, e outras poucas, de outros grupos.

Em 1990, trabalhamos como professores na fazenda Arte-Escola-Oficina, ano em que, no dia 31 de outubro, apresentou um excelente show, no dia “Margarida Schiwazzappa”, ladeado por um grupo de músicos e professores da escola, que mais tarde se denominariam “Band Fazendo Arte” e o acompanhariam na defesa da música “Ressurreição”, nas eliminatórias do 1º Festival de Música Paraense.

Atualmente segue em carreira solo, e nano passado, gravou uma fita demo como cantor Vital Lima, onde cantam em parceria a música “Semente”, feita pelo Dário Azevedo e sua esposa, Mileni, para seu filho Caio, que ia nascer. Pela força de seu trabalho encontrou no cantor e compositor Alcyr Guimarães, um forte apoio artístico, pois ele se propôs a produzir o seu primeiro LP, intitulado “Linhas Urbanas”, que já está gravado e que o Júnior está batalhando o lançamento para breve.

Dário Axevedo dos Santos

Durante a produção do T.C.C., que deu origem a este livro, o Dario foi uma das pessoas mais próximas, a quem pudemos recorrer muitas vezes, tomando informações sobre o evento e sobre questões técnicas atinentes a este trabalho, que se tornou muito válido, pois, ele também elaborou seu T.C.C. sobre a atuação das comunidades eclesiais de base existentes aqui no bairro.

Dario é formado em sociologia e está cursando Filosofia na UFPA, professor da Faculdade Estadual de Medicina e da Escola de Emaús, de onde está dispensado para fazer pós-graduação. Baseado nesta composição, podemos perceber que é uma pessoa muito interessada pela pesquisa. Todavia, sempre procurando aliar seu estudo à prática social e ainda hoje é militante de esquerda, sempre fazendo o possível para contribuir com o partido e com o movimento popular. Entre seus projetos, existe a proposta de organização de um Núcleo Central da Pedreira, porém de uma maneira mais amadurecida do que foi a FECAP.

Dário, domina algumas noções de violão, escreve poesias, compõe músicas muito boas, das quais podemos citar a composição “Negro”, tantas vezes interpretada pelo Delço Taynara, no início de carreira.

5

ENTREVISTAS

Entrevistas

Após fazermos uma apresentação das pessoas selecionadas, no capítulo anterior, o capítulo presente, tem como proposta a divulgação de um roteiro de entrevistas a elas apresentado, esclarecendo que todas essas pessoas foram contactadas previamente e a elas distribuído um roteiro de entrevista semelhante para todos. E com elas discutidas as prováveis formas de respostas, e que, infelizmente, os dois primeiros colaboradores selecionados, são citados na parte de apresentação do capítulo anterior. Mas não terão respostas de suas entrevistas registradas neste livro, por não terem devolvido em tempo hábil. Assim sendo, não publicarei as entrevistas do padre João Maria e do poeta Carlos Paixão.

Durante a entrega do roteiro da entrevista, foi solicitado aos entrevistados que procurassem o máximo de certeza, principalmente nas respostas apresentadas às perguntas de número 5, 6, 7 e 8 da “Parte I-Dados Pessoais”, pois com estas respostas bem esclarecidas, é possível detectar condições que muitas vezes têm a ver com a conjuntura social em que vive o entrevistado. Por exemplo, quando encontramos um distanciamento muito grande da formação acadêmica para a profissão atual e o distanciamento destas em relação a atuação artística. Pois, geralmente, esta distância não se configura por opção do entrevistado, o que é possível ao observador deduzir da dificuldade que ainda consiste em se tentar sobreviver através da produção artística em nossa sociedade.

Foi solicitado, também, que houvesse objetividade e clareza nas respostas as perguntas número 9 e 10, sobre militância política e religião, pois destas respostas se pode denotar a mudança de concepção partidária e religiosa ocorrida desde a 1ª Feira da Cultura e a manutenção na crença da possibilidade de transformação social através da complementação da atuação política de esquerda, aliada a atuação religiosa “Libertadora”.

Quanto as perguntas da “Parte II”, além da objetividade, foi solicitado que os entrevistados evitassem ambiguidades nas respostas, procurando realizar uma leitura geral no questionário abordando um todo.

Assim sendo, apresentamos em seguida, os seguintes roteiros de entrevistas, com as respectivas respostas.

Dados Pessoais

1.Nome completo: Adamor Pereira Marques

2.Nome Artístico: Não tenho

3.Data e local do Nascimento: 08 de março de 1963-Belém

4.Estado Civil: Solteiro

5.Formação Escolar: 2º grau completo

6. Profissão atual: Secretário Pastoral da Paróquia Nossa Senhora da Conceição Aparecida

7. Formação Artística: ?

8.Atuação Artística: O canto, embora sem formação

9.Militância política: Sou filiado ao PT, embora não atue diretamente. Atualmente estou participando do Centro Comunitário São Francisco de Assis, Travessa Curuzú, número 66, onde assumo a função de tesoureiro , desenvolvendo também atividade em área de ocupação (invasão), com Escolinha Comunitária, Cursinho pé-vestibular, Alfabetização de Adultos, entre outras atividades. Tenho uma atuação pequena no Movimento Popular do Bairro da Pedreira, e a perspectiva é uma inserção na Campanha pela Cidadania, que é uma campanha que engloba as questões específicas da fome e da miséria, meio ambiente e cidadania, projeto de macrodrenagem, saúde, etc.

10.Religião: Católica. Atuo como secretário pastoral, participo da equipe de coordenação da Pastoral da Paróquia, tenho uma vivência na comunidade Aliança e dou uma parcela de contribuição nas atividades catequéticas.

Perguntas

1.O que foi a FECAP a nível geral?

Foi um espaço onde os artistas podiam mostrar um pouco do seu talento, de maneira bastante alternativa, democrática e livre. Era uma maneira bastante alternativa, democrática e livre. Era uma maneira de incentivar a cultura do nosso bairro, que sempre foi forte e predominante.

2.O que a FECAP representou a você, especificamente?

A mim, representou um estímulo no meu trabalho, pois mesmo sem ter uma atuação artística definida, procurei valorizar todos os trabalhos que surgiam e me colocar a serviço de todos os artistas que me procuravam, já que, na verdade, ajudava nos contatos, nas programações e no apoio técnico. Esta Feira Cultural me ajudou muito na consciência crítica da realidade, vista pela ótica das manifestações culturais.

3.Uma boa recordação da FECAP?

A FECAP teve muitos momentos significativos, fica até difícil mencionar uma recordação, mas o que me marcou muito foi a 1ª apresentação do “Grupo Raça”, foi algo marcante, que nunca mais irei esquecer.

4.O que foi muito bom na FECAP?

Foram as apresentações de palco: teatro, música, poesia, dança. Foram as exposições do Sinval Filho, da Myrian Carvalho, de outros artistas anônimos, trabalhos artesanais da D. Delcy e outras.

5.O que deveria ter sido melhor na FECAP?

O som, toda a infraestrutura, a divulgação e a equipe responsável.

6.Como poderia contribuir a FECAP, com o desenvolvimento individual e coletivo?

No desenvolvimento individual, a FECAP, contribuiu no sentido de propiciar aos artistas do bairro um espaço para expressão de sua arte, tantas vezes camufladas pela correria do dia-a-dia e por outros afazeres profissionais. Cada pessoa se sentia importante por aquilo que era e por aquilo que podia dar de melhor. Muitas pessoas se descobriram e se revelaram nas amostras da Feira Cultural.

No desenvolvimento coletivo, a FECAP abriu um leque nas discussões sócio-político-cultural, uma vez que, a cada ano nossas perspectivas com relação a cultura iam crescendo, chegando ao ponto até de criarmos uma Associação Cultural, que hoje não existe por falta de disponibilidade dos membros. Me recorde de muitas discussões calorosas acerca do objetivo, do caráter e das finalidades da feira para que não caísse no erro de ser mais uma atividade cultural padronizada, e sim uma atividade cultural diversificada, alternativa e que contribuísse no processo de transformação da sociedade.

7.Você tem pretensões ou está tendo alguma iniciativa de rearticular a FECAP novamente?

Sempre me dispus e continuo me dispondo a trabalhar pelo desenvolvimento da Feira Cultural, desde que, não com uma equipe pequena demais, pois, um trabalho como a FECAP, exige demasiado trabalho, a fim de que atinjamos algo de qualidade. Pela experiência que tenho, penso que na organização de uma feira cultural, se precisa mais ou menos de 10 pessoas comprometidas, que se subdividem na divulgação, relações públicas, secretaria, eventos e equipe técnica.

E torço para que isto aconteça, pois uma feira cultural com este caráter, não deve morrer nunca, principalmente nos dias atuais, onde existe tanto desestímulo e desesperança na vida do povo.

8.Considerações gerais sobre FECAP (comentários livres, etc.).?

Dados Pessoais

1.Nome completo: Hildefrancis Trindade de Souza

2.Nome Artístico: Delço Taynara

3.Data e local do Nascimento: 30/07/1967- Bairro da Pedreira, na Avenida Marques de Herval, N°1356, na mão de parteira

4.Estado Civil: Desquitado

5.Formação Escolar: 2º grau completo

6. Profissão atual: Músico, cantor e compositor

7. Formação Artística: Escola de Violão do SESI, aulas com os professores, Catia e Salomão Habib, curso de canto com a professora Marina Monarca

8.Atuação Artística: Atualmente presidindo a CLIMA (Associação dos compositores Letristas, Intérpretes e Músicos do Pará)

9.Militância política: Simpatizante do PT

10.Religião: Evangélica (Deus)

Perguntas

1.O que foi a FECAP A NÍVEL GERAL?

Foi um grande movimento cultural em prol da arte geral pedreirense e também, de certa forma, política conscientizadora (pela seleção dos trabalhos)

2.O que a FECAP representou a você, especificamente?

Para mim representou oportunidade de mostrar os talentos já existentes no bairro, além de satisfação pessoal de ser o precursor da feira que incentivou outros bairros a realizarem suas feiras culturais.

3.Uma boa recordação da FECAP?

Grupo Raça – hoje extinto

Compositor e cantor – Henry Burnett, que hoje gravou seu primeiro disco.

4.O que foi muito bom na FECAP?

A abrangência de várias faixas etárias, proporcionando o despertar artístico de cada um.

5.O que deveria ter sido melhor na FECAP?

Patrocinadores – onde houve pouco apoio da comunidade, comerciantes, que ocasionou problemas com o som, iluminação, material gráfico e premiação.

6. Como poderia contribuir a FECAP, com o desenvolvimento individual e coletivo?

Com a premiação, dando maior valor ao trabalho do artista

7. Você tem pretensões ou está tendo alguma iniciativa de rearticular a FECAP novamente?

Houve a intenção ao assumir a presidência da CLIMA, de haver a descentralização da entidade, desta forma fortalecendo as bases culturais, porém ainda não foi possível realiza-la.

8. Considerações gerais sobre FECAP (comentários livres, etc.),

Além de ter proporcionado a valorização do artista, incentivou o aparecimento de novos talentos, continuação das feiras (Até a IV Feira), uma associação do bairro, que infelizmente, não deu continuidade.

Dados Pessoais

1.Nome completo: Aldecy Antonio da S. Pereira

2.Nome Artístico: Aldecy

3.Data e local do Nascimento: Belém/PA-05 de setembro de 1966

4.Estado Civil: Casado

5.Formação Escolar: Cursando o 4º semestre de Ciências Sociais na UFPA

6. Profissão atual: Secretário escolar

7. Formação Artística: Fez três meses de iniciação prática ao violão

8.Atuação Artística: Escreve poesias, compõe e canta

9.Militância política: Além de ter participado do grupo musical Jejuá, da Associação Cultural Henfil, da FECAP, além de atuar nas Comunidades Eclesiais de Base, CEBS, e filiado e militante do PT.

10.Religião: Católica

Perguntas

1.O que foi a FECAP a nível geral?

Uma oportunidade de estímulo para a iniciação no campo artístico cultural de Belém.

2.O que a FECAP representou a você, especificamente?

Um momento para desenvolver o meu lado artístico, principalmente na música e também de melhor compreender a cultura popular.

3.Uma boa recordação da FECAP?

O acontecimento da Associação Cultural Henrique Filho “Henfil”, formada a partir da ampliação do evento que era a Feira Cultural Aparecida e depois se tornou Feira Cultural dos Artistas da Pedreira.

4.O que foi muito bom na FECAP?

O companheirismo na organização e realização do evento

5.O que deveria ter sido melhor na FECAP?

A divulgação e marketing publicitário

6.Como poderia contribuir a FECAP, com o desenvolvimento individual e coletivo?

No sentido da valorização da produção artística de cada e no movimento cultural popular.

7.Você tem pretensões ou está tendo alguma iniciativa de rearticular a FECAP novamente?

Sim, numa perspectiva de se acentuar o movimento político-cultural que contribuirá com a transformação radical de uma sociedade desumana.

8.Considerações gerais sobre FECAP (comentários livres, etc.),

Peço considerar que um fator negativo foi a não continuidade do movimento cultural que a “Henfil” poderia proporcionar.

E como fator positivo a convicção de que os indivíduos e a sociedade em processo de transformação, precisam se sensibilizar para se abrirem a uma formação político-cultural libertária.

Dados Pessoais

1. **Nome completo:** Dalva de Cássia Sampaio dos Santos
2. **Nome Artístico:** Dalva Santos
3. **Data e local do Nascimento:** 17/02/1963-Belém
4. **Estado Civil:** Casada
5. **Formação Escolar:** Professora de Educação Física Escolar
6. **Profissão atual:** Professora de Educação Física
7. **Formação Artística:** Experiências Artísticas: Dança, música (canto), teatro
8. **Atuação Artística:** Dança
9. **Militância política:** Movimento Popular: Partido dos Trabalhadores
10. **Religião:** Católica

Perguntas

1.O que foi a FECAP a nível geral?

Foi uma Feira Cultural dos Artistas da Pedreira que tinha como perspectiva central animar, divulgar e aglutinar a produção artística existente no bairro.

2.O que a FECAP representou a você, especificamente?

Foi um evento cultural organizado por basicamente militantes-artistas do bairro da Pedreira, que serviu para descobrir e projetar talentos.

3.Uma boa recordação da FECAP?

O imenso prazer de ser membro organizador da Feira.

4.O que foi muito bom na FECAP?

A variedade das propostas artísticas que ajudava a não gerar cansaço no público.

5.O que deveria ter sido melhor na FECAP?

A responsabilidade e disponibilidade nos organizadores do evento.

6.Como poderia contribuir a FECAP, com o desenvolvimento individual e coletivo?

Como um evento propositivo de ideias transformadoras a partir da questão cultural artística. Como espaço de entretenimento saudável a juventude. Criar um espírito cooperativo entre os diversos artistas.

7. Você tem pretensões ou está tendo alguma iniciativa de rearticular a FECAP novamente?

Como membro organizador, não, por falta de disponibilidade, mas como expositora de algum trabalho artístico, sim, pois no momento não tenho nada traçado para a FECAP, as pretensões hoje são outras a nível de militância e da prática cultural.

8. Considerações gerais sobre FECAP (comentários livres, etc.),

A feira cultural contribui sensivelmente para o fortalecimento artístico de muita gente como Delço, Henry, o Grupo Raça, que por muitos anos após a primeira apresentação (1986), na feira, fez muitos trabalhos expressivamente divulgados.

A proposta dos objetivos e linha cultural que a feira se propunha a atingir.

Dados Pessoais

1. **Nome completo:** Henry Martin Brunett Júnior
2. **Nome Artístico:** Henry Brunett
3. **Data e local do Nascimento:** 31/10/1971 Belém-Pará
4. **Estado Civil:** Solteiro
5. **Formação Escolar:** Curso de Filosofia, atualmente no 5º semestre
6. **Profissão atual:** Funcionário Público (Agente Prisional-SUCIPE)
7. **Formação Artística:** Curso incompleto de música no S.A.M. (Serviço de Atividades Musicais-UFPA). Disciplina: Teoria musical – Sofejo e Harmoni
8. **Atuação Artística:** Voltada para a música popular brasileira, atualmente em fase de produção do 1º LP
9. **Militância política:** Vinculado ao PT, sem filiação
10. **Religião:** Católico

Perguntas

1.O que foi a FECAP A NÍVEL GERAL?

Uma grande proposta, a maior, talvez, de toda a história do bairro, um encontro de todas as tendências e produções artísticas que dava origem a uma grande festa que com um pouco mais de empenho teria se perpetuado.

2.O que a FECAP representou a você, especificamente?

Uma grande oportunidade para a divulgação de minhas primeiras produções musicais, a certeza de ter um público para ouvir nosso trabalho, é muito confortadora.

3.Uma boa recordação da FECAP?

O dia em que dividi o palco com o compositor Gilberto Ichiara, um dos grandes momentos da FECAP e de minha vida.

4.O que foi muito bom na FECAP?

O grupo que “segurava” a FECAP era muito coerente e sabia da importância do evento, no entanto, a falta de recursos, geralmente, inviabilizava a ampliação da FECAP para investidas mais ousadas. A organização pecava por falta de apoio externo.

5.O que deveria ter sido melhor na FECAP?

Sem dúvida, a infraestrutura para as apresentações musicais, teatrais e das artes plásticas.

6. Como poderia contribuir a FECAP, com o desenvolvimento individual e coletivo?

O que se apresenta em uma feira cultural, pressuponho, seja algo expressamente qualitativo (por mais iniciantes que sejam os participantes), e isto dá ao coletivo e ao individual, uma carga nova de ideias, que enriquecem o público e os próprios artistas.

7. Você tem pretensões ou está tendo alguma iniciativa de rearticular a FECAP novamente?

Penso que seria necessário uma grande articulação de pessoas e uma infraestrutura prévia para que eu mergulhasse na ideia com tudo o que tenho a dispor, com isto, eu rearticularia a FECAP.

8. Considerações gerais sobre FECAP (comentários livres, etc.),

A cultura é todo o acumulado de um povo, suas manifestações transparecem seus pensamentos, a FECAP era assim, a grande união do pensamento, de artistas que tinham como fim comum algo muito importante, a sustentação da arte como mestra vida, como diria Fernando Pessoa.

Dados Pessoais

1.Nome completo: Dário Azevedo dos Santos

2.Nome Artístico: Dário Azevedo

3.Data e local do Nascimento: 12/07/1963 (Pedreira-Belém)

4.Estado Civil: Casado

5.Formação Escolar: 3º grau completo, formado em Ciências Sociais na UFPA, onde faz Pós-Graduação e é universitário do curso de filosofia.

6. Profissão atual: Professor da FEP e da Escola de Emaús

7. Formação Artística: ?

8.Atuação Artística: ?

9.Militância política: Partido dos Trabalhadores

10.Religião: Atualmente não sei

Perguntas

1.O que foi a FECAP A NÍVEL GERAL?

Foi a tentativa de se reunir e revelar os talentos aqui do bairro da Pedreira, para trocar experiências e divulgar seus trabalhos de forma espontânea.

2.O que a FECAP representou a você, especificamente?

Representou uma atitude cultural e política diante da situação do país. Um espaço de anúncio e denúncia dos acontecimentos sociais, além de um espaço de amadurecimento intelectual e muita criatividade.

3.Uma boa recordação da FECAP?

A tentativa, a partir da FECAP, criar algo mais sólido, ou seja, uma instituição cultural com estatuto e tudo.

4.O que foi muito bom na FECAP?

A certeza de que não estávamos dispostos a utilizar aquele espaço para alienar ninguém , ao contrário, era o nosso momento de aprendermos a nos contrapor a ordem vigente, tanto é, que até hoje, a maioria das pessoas embora tendo construído família, buscado ou conquistado certa estabilidade não perderam o potencial crítico diante dos fatos sociais.

5.O que deveria ter sido melhor na FECAP?

Talvez, maior determinação e ousadia para levar a proposta em frente, pois na época tínhamos todas as possibilidades de projetar a FECAP, assim como foram projetadas culturalmente pessoas que de certa forma, estão na vanguarda da cultura em Belém.

6. Como poderia contribuir a FECAP, com o desenvolvimento individual e coletivo?

Sinceramente, não sei se conseguiria separar o individual do coletivo, ou talvez, não tenha entendido bem a questão, pois acho que se a feira acabou, aqueles que conseguiram pular fora ou fazer outras opções, talvez tenha sido melhor contemplado. Portanto, acho que quem perdeu foi o coletivo, pois que a meta da FECAP era atingir a comunidade, se isso morreu, quem saiu na pior foi o coletivo, e mais trágico ainda, a feira porque acabou.

7. Você tem pretensões ou está tendo alguma iniciativa de rearticular a FECAP novamente?

A feira não, mas uma proposta cultural para a Pedreira, mais audaciosa, sempre foi meu desejo.

8. Considerações gerais sobre FECAP (comentários livres, etc.),

Somente lamentar ter a feira terminado, acho que a “amadorismo” não tem espaço na sociedade, as atividades “artesaniais” são “marginalizadas”. Por isso, sou daqueles que defende, numa FECAP, se caso rearticule, com todos os recursos infraestruturais, apoio logístico, sem perder sua identidade e autonomia, e mais ainda, sua alienação, já temos muitas instituições cumprindo esse papel, acho que uma rearticulação deveria ser com a contribuição de pessoas competentes, criativas.

6

HOMENAGENS, PARTICIPAÇÕES E PROGRAMAÇÕES DA FEIRA DE CULTURA DA PEDREIRA

Homenagens, participações e programações da Feira de Cultura da Pedreira

Aqui apresento um pouco as atrações artísticas e culturais que compuseram a realização da Feira de Cultura dos Artistas da Pedreira-FECAP, no decorrer de seus seis anos de atividades, apresentações estas que foram, principalmente, mais demarcadas pelas atrações musicais. Após os comentários referentes sobre as feiras culturais apresentadas em cada ano, reservamos um espaço no final deste capítulo para registrar as pautas de cada uma destas apresentações.

A primeira FECAP, organizada inicialmente por um pequeno número de participantes de movimento de igreja, foi inicialmente denominada Feira de Cultura de Aparecida, em relação a sua primeira apresentação, realizada no dia 27 de Outubro de 1985, não nos foi possível a obtenção de nenhum registro escrito sobre o nome ou outros dados dos prováveis inscritos que dela participaram.

A realização da II FECAP ocorreu no dia 26 de Outubro de 1986, desta vez sob a coordenação dos movimentos paroquiais de catequese e Pastoral da Juventude, devido a expectativa gerada pela primeira apresentação do evento, esta 2ª feira cultural foi muito bem organizada contando com muitas atrações de valor artístico muito significativo, nós temos o registro da pauta de apresentações da II FECAP.

No dia 27 de setembro de 1987 se realizou a III FECAP, um evento que se tornava, cada vez mais consistente, desta edição, nós temos a pauta das atrações apresentadas em suas respectivas categorias. É importante, que seja ressaltado que neste ano a Associação Cultural do Bairro da Pedreira, passou a coordenar este evento cultural.

E, seus organizadores, tomaram a decisão de apresentarem alguns artistas como destaque por suas contribuições apresentadas ao bairro nas diversas áreas culturais. Então, foram os seguintes artistas homenageados: Delço Taynara, por sua atuação no campo musical. Carlos Paixão, por sua atuação no campo da Literatura Poética. O Grupo Raça por sua dança. E eu por minha atuação em artes plásticas.

Marcamos a data da IV FECAP para 18 de dezembro de 1988. E neste ano também o processo de discussão, eleição e organização do estatuto da associação se concretizou, um bom número de participantes fazia parte da organização deste evento. Infelizmente não tenho a relação dos inscritos nesta edição. Mas, foi possível o acesso a um dos cartazes ilustrados pela Myrian Carvalho, onde além dos dados informativos sobre o evento, é possível lê o slogan, “Uma nova cultura, para uma nova sociedade...”

IV FECA

IV FEIRA CULTURAL DOS
 ARTISTAS DA PEDREIRA
 DIA: 16 DEZ 88 HORA: 9 às 22 hore
 LOCAL: SALÃO APARECIDA
 AV. PEDRO DE MIRANDA Nº 1566 - Pedreira - B. São e Augusta
 INSCRIÇÃO: DE 02 à 11.72 COM
 ROSALEY VNA SECRETARIA (SA) lacaia
 PROMOÇÃO
 ASSOCIAÇÃO CULTURAL HENRIQUE FILHO (HEF)
 "UMA NOVA CULTURA PARA
 UMA NOVA SOCIEDADE..."

E a proposta desta feira era também, deixar bem evidenciado ao público, que desta vez era bem maior os propósitos da Associação Cultural Henrique Filho, ao mesmo tempo em que explicávamos o motivo do nome e quem foi Henfil.

Chegamos a marcar a V FECAP para o ano de 1989, mas devido a uma série de fatores, ela foi adiada, um destes fatores foi o desencontro de uma data em que pudéssemos utilizar o espaço do palco, salão e salas, não mais por um único dia, como vinha acontecendo até então. Agora seriam três dias, sexta, sábado e domingo, pois, havíamos observado que era uma pena, principalmente em relação as artes plásticas e artesanato, depois de todo um trabalho de instalação das obras, elas ficarem em exposição apenas um dia, também, pretendíamos oferecer a possibilidade de serem ministradas oficinas para o público interessado, durante este período.

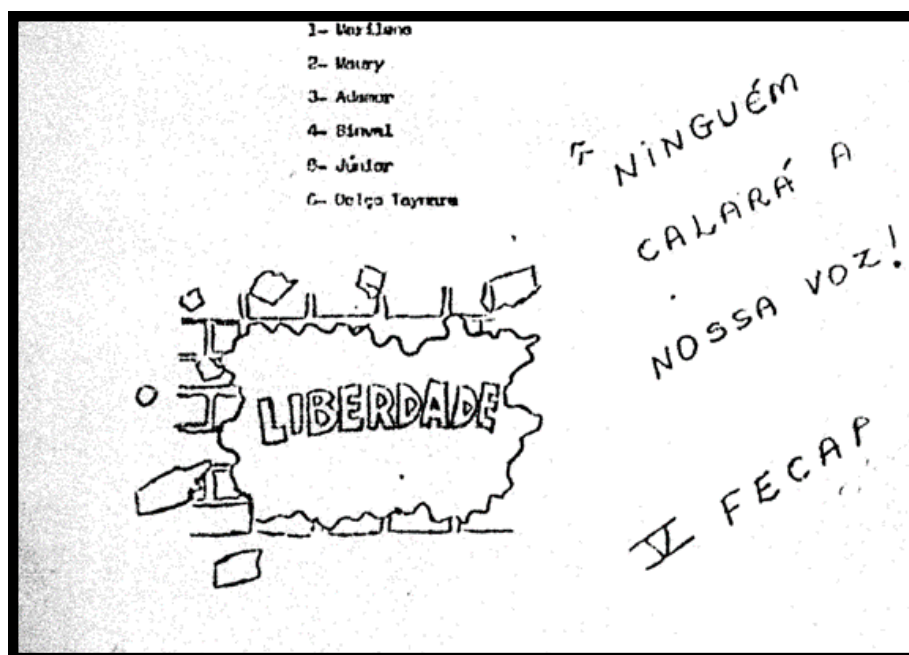
E, assim, sem o impulso da Associação “Henfil”, organizada por um número limitado de pessoas, a V FECAP, deixaria de ocorrer em 1989, para ser realizada nos dias 5, 6 e 7 de janeiro de 1990, e dela temos a programação em mãos.

Vale a pena ressaltar que, apesar do número limitado de organizadore e da desarticulação da associação, esta V FECAP, foi muito marcante por vários motivos, entre eles, o fato de mesmo precariamente, ter conseguido negociar com a Academia Malhação Ilimitada, que não estava inscrita no evento, mas já havia conseguido a pauta do palco e do salão para o sábado a noite.

Esta negociação permitiu fazermos uma programação intercalada, o que proporcionou um bom resultado, com os espetáculos apresentados, embora distantes de uma proposta mais política, foi muito bonito, atraiu um público maior.

E, nesta FECAP, foi grande o número de obras de arte, pinturas e desenhos nela expostas, pois, comigo a frente da coordenação de artes plásticas, foi possível articular com o Alixa, artista plástico e dono da Escola de Arte Oficina, para que fosse emprestado cerca de quarenta trabalhos que estavam em sua escola, após serem recusados pelo Il Amazonarte. Duda, Samoras, André Nascimento, Lurdinha, Graça Santana, o próprio Alixa, eram alguns dos nomes que juntos com mais vinte pinturas, por nós executadas, deram um aspecto visual ao salão, nunca antes concebido.

O roteiro de apresentações da V FECAP foi datilografado e distribuído aos organizadores e participantes, logo após os nomes dos componentes da equipe de organização estava o desenho de um muro explodindo e do centro desta explosão era possível ler “LIBERDADE”, logo adiante em destaque estava escrito o slogan deste evento, que era “NINGUÉM CALARÁ NOSSA VOZ”, sintomaticamente, não existe nenhuma alusão a associação escrita neste roteiro e ironicamente, até aqui, se calou a Associação Cultural Henrique Filho e também se calou a FECAP.



Ressaltando, que, durante as apresentações desta feira cultural, houve muitas atrações que não foram registradas em pauta, já que algumas vezes era necessário que fizessem substituições, por razões de força maior, de alguns convidados previamente inscritos, por outros que aguardavam desistência, ou até mesmo porque existiam momentos abertos aos artistas que se encontrassem presentes, sem a necessidade de uma inscrição prévia.

E baseado nestas situações específicas, a justificativa por não termos o nome de algumas expressões artísticas locais muito importantes e que estiveram presentes neste evento como artista plástico e músico Klinger de Carvalho, o cantor e compositor Almino, o percussionista “Nazaco” e outros. Assim, após efetuarmos algumas alterações que melhor facilitassem o atendimento da leitura. Abaixo estão os roteiros de apresentação da II, III e V Feiras de Cultura do Bairro da Pedreira, que foi possível ter acesso.

Programação da II FECAP

- Abertura com a Equipe de Cultura
- Peça teatral com o “Grupo do Jeito Que Dá”. “Juventude a Mil”
- Música – Sinval Filho
- Música – Gilberto Michiara
- Música – Grupo Taboca
- Música – Grupo Fruto da Terra (Integrado pelo Aldo Bandeira, Paulo Teixeira e Arthur)
- Música – Francine e Haroldo
- Exposição dos Trabalhos Manuais
- Música – Paulo Barredo
- Música – Carlos Augusto
- Música – Sebastião
- Peça teatral do “Grupo Tayná”
- Encerramento das atividades realizadas durante o período da tarde com a Equipe Cultural
- Intervalo para a missa
- Dança com o Grupo Raça
- Música – Walter Freitas
- Música – Cacá (Antonio Carlos)
- Música – Edir Gaia
- Música – Luizinho
- Música – João Pinto
- Música – Rilke
- Texto – Dário Azevedo
- Encerramento das apresentações noturnas com a Equipe de Cultura

E no espaço para exposições podemos conferir o nome de Carlos Paixão, Paulo Teixeira, do Grupo Fruto Sem Terra, e Antonio Carlos, ou Cacá, Francisco Freitas e Edinaldo Silva com poesias e fotografias, ainda o Heraldo com quadros e pinturas em camisas, Francine com pinturas em camisa, Naldo com desenhos, Maurício Rocha com trabalhos em fita crep e Dona Delcy com flores em tecido.

Participantes da III FECAP

Música:

-João Pinto Duarte júnior, Fruo Sem Terra, Delço Taynara, Dário Azevedo, Giselli Vasconcelos e um grupo musical formado pelo Adamor, Dalva e Aldecy.

Teatro:

-Grupo Uirapuru e o Grupo Reino da Alegria

Exposição:

-Sinval Filho (telas), Paulo Teixeira (serigrafia), Marcos Vinicius (poesia), Luís Cardoso (fotos), Myrian Carvalho (desenhos), Lucineide Pereira (trabalhos manuais), Laurinda Martins (bonecas de pano), Neusa dos Santos (artesanato).

Vendas:

-Pastoral da Juventude, A.C.O e C.B.B

Poesia:

-Dário Azevedo e Paulo Teixeira

Dança:

-Grupo Raça

Programação da V FECAP

Dia 5 de janeiro de 1990 (sexta-feira)

-15:00 horas – Início da Feira com a exposição de trabalhos artísticos

-Sinval Filho e Myrian Carvalho (pinturas), Myrian e Adilson (desenhos), Neusa e Amadeu (artesanato), Dona Leucy (flores artesanais) e outros a confirmar.

-Abertura do palco com música e encenação do tema da V FACEP: “NINGUÉM CALARÁ NOSSA VOZ”

-Grupo de Trabalho Experimental Uirapurú

-Grupo de Dança Nossa Cultura

-Música – Ricardo

-Música – Júnior e Aldecy

-Encerramento com Delço Taynara

Dia 06 de janeiro de 1990 (sábado)

-Continua a exposição de trabalhos

-Parada

-Oficina de teatro ministrada pelo Francisco Alencar (Júnior)

-Oficina de dança ministrada pela professora Dalva de Cássia

INTERVALO

-Apresentação teatral “Montagens” do grupo Frutos da Terra do C.E.P.C

-Apresentação de dança Academia Malhação Ilimitada com diversos estilos, no intervalo de cada dança

-Música com o Henry Burnett

Obs: nesta noite, poderá haver alguns convidados (de última hora) para participarem de nossa V Feira Cultural dos Artistas da Pedreira

Dia 07 de janeiro de 1990 (Domingo)

-Continuação da exposição aberta ao público

-Parada

-Encerramento da oficina de teatro e de dança

-Parada

-Grupo Teatral “Nossa Cultura”

-Música – Ricardo

-Música – Nossa Cultura

-Apresentação de duas danças, uma com o Grupo Nossa Cultura e outro com o Grupo Raça

-Música – Júnior e Aldo Bandeira

-Música – Delço Taynara

-Música – Henry Burnett e Getúlio

-Encerramento da V FECAP

EQUIPE DE ORGANIZAÇÃO:

Marilene, Maury, Adamor Marques, Sinval Filho, Henry Burnett e Delço Taynara

7

CAUSAS DO NÃO
PROSSEGUIMENTO E
POSSIBILIDADES DE
REARTICULAÇÃO DO EVENTO

Causas do não prosseguimento e possibilidades de rearticulação do evento

Aqui vamos analisar prováveis causas da desarticulação da Feira de Cultura do Bairro da Pedreira, bem como, por extensão, do processo de desarticulação da Associação Cultural Henrique Filho. É importante ressaltar que, embora apontemos causas gerais, nem sempre os motivos que levaram determinado ex-organizador a abandonar a direção do evento, foram iguais para todos.

Os fatores aqui apontados são uma mistura de ordem econômica, política e religiosa, que no decorrer do tempo se tornaria mais complexa e confusa, fazendo com que a feira de cultura não resistisse a essa confusão.

Um dos fatores que pode ter contribuído para a não continuidade desse evento, é que principalmente, durante a articulação da Associação Henrique Filho, fazíamos planos de beneficiarmos esta entidade com os subsídios da Lei Sarney, que além de ter sido mal esclarecida, teve pouco tempo de duração e em 1989, os benefícios dela advindos, já começavam a ser dificultadas face a tantas suspeitas de aproveitamentos ilícitos, e em 1989 se deu o último ano do governo Sarney e o ano que não ocorreu a FECAP.

Uma outra probabilidade é o fato dos organizadores estarem engajados mais de frente na campanha presidencial, também em 1989. E a partir daí terem perdido o interesse pela militância cultural artística, já que no ano anterior haviam observado, com a organização da Associação, que fazer cultura de maneira organizada pode se tornar um ato tão complexo quanto fazer política partidária.

Em 15 de janeiro de 1990, Collor, assume a presidência, para decepção da grande maioria artística e logo toma medidas econômicas que davam para provar um ano desastroso com o quadro político e social, que se apresentava. A recessão e o desemprego, fez com que as pessoas limitassem seu tempo, passando a cuidar mais de si mesmas. E isso também, desestimulou os organizadores da FECAP a voltarem a rearticulação.

Como a maioria dos organizadores não sobreviviam através de atividades artísticas, essa maioria procurou se ocupar mais em suas áreas específicas de atuação, passando a juntar com a militância partidária. E, mesmo aqueles que demonstravam um talento específico para arte, a partir da última FECAP, pouca ou nenhuma atuação coletiva realizaram.

É possível que estes últimos tenham percebido que promover a cultura artisticamente, de maneira coletiva, ou individual, além de uma questão ideológica, pode ser uma opção e que promover o próprio talento, dependendo das circunstâncias, talvez seja mais válido que promover uma entidade de talentos, sem todavia deixar de perceber que a partir deste aprimoramento pessoal, também se pode cooperar com o desenvolvimento coletivo.

E, assim sendo, o Delço Taynara, já gravou o seu primeiro LP, e é o atual presidente da CLIMA, o Henry Burnett, está em fase de lançamento de seu primeiro LP e continua se apresentando em eventos políticos, o Dário Azevedo e a Mileni, tiveram sua música “Semente”, gravada por Henry Burnett e Vital Lima. O Dário, após a sua contribuição com a organização da FECAP, já tentou articular , com outros interessados, um núcleo de arte da Pedreira, que seria uma entidade semelhante a associação “Henfil”, que apesar de continuar em seus planos, está parada, e para a qual, ele espera melhores momentos para retomar.

A Dalva Santos, Myriam e Mileny Carvalho, compõem um grupo de expressão corporal que continua mantendo muita ligação com o movimento popular.

Durante os processos de entrevistas foi possível observar que muitos dos ex-organizadores deste evento cultural, estariam novamente dispostos a contribuir para a sua rearticulação, desde que houvesse outros integrantes revestidos da disposição e solidariedade necessárias para reiniciar.

De acordo com a declaração do Agente Pastoral Adamor Marques, dois fatores são muito importantes para esta rearticulação dentro de um breve prazo de tempo, o primeiro deles é o início de acordos já iniciados entre Aldecy e sua esposa, com os coordenadores da Pastoral da comunicação da igreja Nossa Senhora Aparecida, que já se dispuseram a cooperar com a realização da próxima feira cultural. E o segundo fator está relacionado com a facilidade que agora é possível de conseguir o equipamento necessário.

A partir de 1991, os espaços inerentes a igreja vêm passando por bons processos de reformas, proporcionadas pelo envio de subsídios de uma entidade estrangeira e aos esforços da equipe de finanças. Em 1992, o novo salão e o palco foram inaugurados, recebendo o nome de Salão Paroquial Padre João Maria Van Doren.

Vale ressaltar que os eventos culturais tradicionais, como o lançamento da campanha da fraternidade, as datas comemorativas, como o 1º de maio e outras, ainda vem sendo neste espaço comemoradas e quem sabe, a FECAP volte a ganhar seu espaço.

A juventude se lançou nas artes plásticas usando seus próprios corpos como tela e assim. Em 1993, os “cara-pintadas”, pintaram um novo quadro na situação brasileira, com a derrubada do presidente, todavia, não derrubaram o governo Collor, representado pelo seu vice.

Assim sendo, juntamente com as esperanças políticas que se aproximam, chegam mais perto as chances de rearticulação da FECAP. O ano de 1989, precedeu a sucessão presidencial, e em 1993, também está precedendo, sendo assim, só como passar do tempo poderemos conferir os destinos da FECAP.

8 CONCLUSÃO

Conclusão

A experiência de elaborar este livro, baseado na Feira Cultural do Bairro da Pedreira, se tornou extremamente válida por uma série de fatores. Durante os processos de entrevistas e de pesquisas, foram facilitados os acessos ao conhecimento de fatos que compuseram a história do bairro, dos quais, nossos antepassados fizeram parte ou aos quais presenciamos em tenra idade sem entender o significado histórico, que só com o passar do tempo poderia ser esclarecido.

A possibilidade de observar os antigos ex-organizadores desta feira cultural, ainda ativos na militância política e social, mostrando que apesar de todo quadro social crítico que se apresenta, ainda existem pessoas articulando maneiras de conter o avanço da degradação e que esta contenção ainda pode proporcionar o ressurgimento da FECAP ou Feiras Culturais semelhantes a ela.

Apesar de ter sido levada a realização através de uma estrutura cheia de deficiências, esta feira cultural, conseguiu preencher uma lacuna muito importante como opção, não só para o público carente, mas também para os artistas do bairro que teriam mais dificuldades de acesso a eventos organizados em outras localidades.

Embora não tivesse sido esta a proposta que nortearia a FECAP, este evento, pelo tipo de público e organizadores, tipos de atrações e pela falta de apoio governamental e privado, terminava se configurando basicamente num movimento da expressão da cultura popular artística.

E assim, como esta feira cultural prestou sua parcela de contribuição no campo da cultura popular artística da Pedreira, de uma maneira bem direta, é evidente, também, a sua contribuição para o movimento de arte educação, que em meados dos anos de 1980, começou a tomar consistência em Belém.

Embora nenhum dos ex-organizadores tivesse vínculo com a Associação de Arte Educadores do Pará, a AAEPA e eu fosse o único a participar do curso de Educação Artística, através das atividades promovidas pela organização da feira cultural.

Era possível perceber que o processo de arte educação se dava de maneira permanente e era nossa preocupação que ele fosse cada vez mais ampliado, para isso, não era suficiente que as trocas de conhecimentos se dessem somente nas horas de treinamento dos integrantes do Grupo Raça, ou durante as explicações de um determinado poeta ao público sobre o seu fazer poético. Mas, era sentido cada vez mais, a necessidade de se promover oficinas ao público, que lhe proporcionasse, não só a observação do aprendizado teórico, mas também, a chance de prática deste aprendizado. Prática essa que se tornou possível em algumas poucas oficinas realizadas durante o período de realizações da FECAP.

No entanto, independente do pouco reconhecimento de um público maior em relação a esta feira cultural, apesar de não termos dado passos maiores em relação a uma prática arte-educativa mais aprofundada, vale ressaltar o fato de que a maioria dos ex-organizadores era composta de profissionais da educação, estudantes de cursos de licenciatura, ou de voluntários em entidades educativas, o que faria com que estes militantes da arte e da educação como proposta de vida, se sentissem realizados ao proporcionar a Feira de Cultura do Bairro da Pedreira, um bom fluxo de visitantes que participaria fazendo indagações, cantando, dançando, participando diante de um palco, como um grande quadro e diante de um salão paroquial repletos, como estudantes ávidos por conhecimento.

É muito evidente que o assunto não foi esgotado aqui, nem tive a pretensão. Mas, acredito que presto minha parcela de contribuição na transcrição de registros que podem ajudar a manter a memória do bairro da Pedreira, contribuindo assim, com a comunidade pedreirense.

Referências

Referências

BITTENCOURT JUNIOR, Alberto Pereira, FRANCES FILHO, Emílio Alexandre e RODRIGUES, Márcio José Matos. Assessoria técnica ao movimento popular e grupo de jovens do bairro da Pedreira. Centro de Psicologia Aplicada da Unespa, Belém, 1991

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. Por que Arte Educação? Campinas, Papyrus, 1981

SANTOS, José Luiz dos. O que é cultura. São Paulo, Brasiliense, 1985.
SOUSA, Cristovão Raimundo Nunes de, BRITO, Célio Luiz da silva,
CARDOSO, Maria do Socorro. Psicologia Social: Uma experiência de assessoria em movimento popular. Curso de Formação de Psicólogos da Unespa, Belém, 1991.

o autor



Sinval Santos

Sinval Santos

Sinval Corrêa dos Santos Filho, nasceu em Belém do Pará em 3 de dezembro de 1959, na Pedreira, “bairro do samba e do amor”, onde ainda ecoam em suas memórias o boca de ferro da igreja espalhando cantos que acordavam aos domingos sua família católica, mas sincrética, com pais que frequentavam a umbanda e tinham uma vasta coleção de livros esotéricos, o levando na infância e juventude a ter uma concepção de um Jesus Cristo ecumênico, apesar de atualmente, ter uma outra concepção, que não nega o sentimento de Deus, desde que longe de qualquer religião.

Filho caçula de oficial da PM, dos onze aos treze anos, em plena ditadura, fez parte da Patrulha Mirim do Estado do Pará, experiência que fez com que tivesse uma visão real da função da PM na opressão aos movimentos que lutam por uma sociedade mais justa.

Entusiasta da prática de yoga e de artes marciais desde a juventude, está com 64 anos, sendo vegetariano desde os 13 anos de idade. Foi membro do VEM-Veganismo Em Movimento, criador do Projeto Sarau Vegano, atualmente colabora com o Projeto CENHAMAR e coordena no Centro Comunitário Unidos Venceremos, o Projeto com Yoga Venceremos, onde alia a prática de hatha yoga com arte e com o veganismo, sempre ajudando a difundir o veganismo popular e interseccional, enquanto militância da boca pra dentro, protegendo os animais não humanos, os animais humanos e o meio ambiente. Professor formado pela UFPA com habilitação em Artes Visuais, sendo sua primeira atuação como professor, na Escola de EMAUS, no Bengui, que se destacava entre os avanços pedagógicos, por ser a primeira referência no estado em eleição direta pra diretor e por ter como inspirador o saudoso Padre Bruno Sechi.

Participou enquanto coordenador e artista do COLETIVO CULTURAL DO SINTEPP, criado para oportunizar que nossas lutas sindicais fossem mescladas por manifestações artísticas, preferencialmente autorais e de protesto, que retratassem nossas causas e dessem espaços de divulgação para os artistas da categoria.

Fez parte da fundação da escola Palmira Lins de Carvalho, em 1994, compondo o grupo de professores que implementaram o Projeto Blocos Rotativos. Nessa mesma escola, coordenou o Grupo Literomusical Som Maúma, que tem seu nome em homenagem a uma grande e bela samaumeira plantada há 30 anos. Esse grupo foi formado por alunos, pais, professores da comunidade escolar. Criado em 2013, o mesmo existiu e resistiu oficialmente durante seis anos, mas ainda continua sendo convidado para apresentações.

Mais recentemente, desenvolveu o Projeto SARAMAI Sarau Ativismo e Meio Ambiente no Integrado, visando através da realização ou participação de saraus periódicos desenvolver uma percepção holística que estimulasse a participação dos alunos no apoio, na composição ou direção do Grêmio Estudantil e Conselho Escolar, em busca de soluções dos problemas inerentes a gestão.

Atuou em diversas modalidades de ensino como na Educação Especial, durante 8 anos, a maior parte do tempo com alunos com Altas Habilidades, especificamente em Artes Visuais, onde criou o Projeto C(r)omo(s) Somos. Atuou na EJA, na Educação Infantil, no Ensino Fundamental, Médio, e profissionalizante, na rede particular, na rede municipal onde está aposentado e na rede estadual onde se encontra afastado para aposentadoria, sempre utilizando os conteúdos de Arte para mostrar possibilidades de promover transformações sociais.

Como artista visual tem no currículo várias exposições, mas atualmente tem seus trabalhos publicados nas redes sociais, muitos deles ilustrando seus textos.

Na literatura, se dedica prioritariamente a poesia, embora tenha escrito vários contos que pretende publicar em breve juntamente com ilustrações.

Na música é autodidata, compondo, tocando violão e cantando, tendo um repertório autoral de mais de 300 músicas instrumentais e de mais de 300 canções, a grande maioria canções de protesto, as quais vem apresentando desde os anos 80, principalmente em eventos e manifestações promovidas pelos movimentos sociais.

Participou da formação do Boi Misterioso de Itaiteua, do Mestre Apolo da Caratateua e em 2019 gravou uma coletânea, participando de várias apresentações. Tem cinco de suas canções em parceria com o mestre Apolo disponíveis, entre as onze do CD Boi Misterioso de Itaiteua, no Spotify: Vaquinha Malhada, Popopo, Irmã Dorothy, Cabanagem, e Contraste, sendo que três últimas seguem a proposta de canções de protesto.

Nos anos oitenta participou da coordenação do Centro Acadêmico de Educação Artística da UFPA, se inseriu na militância na Teologia da Libertação na Igreja Nossa Senhora Aparecida, não só participando da organização de liturgias, mas tocando ao violão canções cristãs revolucionárias que o inspiraram a participação de comunidades de base, sendo o primeiro presidente da Comunidade União e Força, que gerou mais tarde, a criação do Centro Comunitário Liberdade.

Na FECAP Feira de Cultura dos Artistas da Pedreira, mais uma das muitas ações iluminadas pelo João, participou enquanto organizador e artista, o que o levou a escrever um livro e publicar essa história que esse ano de 2024, volta a acontecer.

Assim, no dia 14 de abril de 2024, além do lançamento do livro FECAP: A Cultura na Pedreira, teremos mais uma versão da FECAP, o anúncio público do documentário e a realização de mais filmagens que serão inseridas nessa obra que contará a trajetória do Padre João Maria Van Doren.

